

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
CURSO DE AGRONOMIA**

ALINE BIDIN

**COPRODUÇÃO DE CONHECIMENTO COMO ESTRATÉGIA PARA A AUTONOMIA
DE MULHERES AGRICULTORAS EM SANTA HELENA NO PARANÁ**

Santa Helena

2023

ALINE BIDIN

**COPRODUÇÃO DE CONHECIMENTO COMO ESTRATÉGIA PARA A AUTONOMIA
DE MULHERES AGRICULTORAS EM SANTA HELENA NO PARANÁ**

**CO-PRODUCTION OF KNOWLEDGE AS A STRATEGY FOR THE AUTONOMY OF
RURAL WOMEN IN SANTA HELENA IN PARANÁ**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Agronomia da Universidade Tecnológica Federal do Paraná Campus Santa Helena.

Orientadora: Profa. Dra. Alessandra Matte
Coorientadora: Caroline Maria Maffini

Santa Helena

2023



Esta licença permite compartilhamento, remixe, adaptação e criação a partir do trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que sejam atribuídos créditos ao(s) autor(es). Conteúdos elaborados por terceiros, citados e referenciados nesta obra não são cobertos pela licença.

ALINE BIDIN

**COPRODUÇÃO DE CONHECIMENTO COMO ESTRATÉGIA PARA A AUTONOMIA
DE MULHERES AGRICULTORAS EM SANTA HELENA NO PARANÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Agronomia da Universidade Tecnológica Federal do Paraná Campus Santa Helena.

Aprovada em: Santa Helena, 23 de novembro de 2023.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Alessandra Matte – Orientadora
UTFPR

Eng. Agr. Caroline Maria Maffini – Coorientadora
PPGSIS/UTFPR

Prof. Dr. José Tobias Marks Machado
UTFPR

Eng. Agr. Adrieli Luisa Ritt
PPGSIS/UTFPR

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por ter me sustentado até aqui.

Ao longo da minha trajetória desses cinco anos de formação tive a honra de conhecer diversas pessoas, que me apoiaram no decorrer desse processo, bem como nesse Trabalho de Conclusão de Curso, a todos que de alguma maneira ou outra fizeram parte dessa caminhada, registro a minha gratidão.

Agradeço especialmente:

À minha orientadora Alessandra Matte, pelo apoio incondicional que me ofereceu durante toda essa caminhada, por toda generosidade e sabedoria, por todas as orientações, todos os conselhos. Agradeço por me fazer enxergar o mundo com outros olhos, por ter ajudado a expandir meu intelecto. Mais que uma orientadora, uma mentora para mim, expresso aqui toda a admiração que sinto, obrigada por tudo.

À minha coorientadora Caroline Maria Maffini, que em todos os momentos dessa pesquisa esteve presente, dividindo seu conhecimento e sabedoria, por todo apoio prestado, pelas conversas e conselhos, agradeço do fundo do meu coração.

À minha família, pelo amor e carinho, em especial minha irmã Pátricia Bidin, por todo apoio durante esse processo, por todos os aconselhamentos e incentivo, por ter segurado a minha mão nos momentos mais difíceis.

À Rede Campo (Rede de Pesquisa, Inovação e Extensão em Desenvolvimento Rural), agradeço pelas trocas de experiência, discussões, fazer parte deste espaço me permitiu compreender melhor a vida acadêmica.

Agradeço sobretudo à Rebeca Maciel do Nascimento, Gabriela Carolina Bündsch, Adrieli Luisa Ritt pela inestimável ajuda no processo final deste TCC.

Aos amigos e amigas que fui presenteada nesse processo de graduação, em especial Angela Pivotto, Beatriz Hiyori Hamada, Ana Gabriela Tessaro, Daniel Soethe, Marcia Cristina, Darlan Sartori, grata pelo apoio, incentivo e amizade, com vocês essa caminhada se tornou mais leve.

Ao amor da minha vida, minha filha Manuela Bidin, que sempre foi a minha maior motivação, pela compreensão amor e carinho, obrigada por ser minha companheira de todas as horas.

E por fim agradeço a todas as mulheres que participaram dessa pesquisa, por todo carinho recebido durante os encontros, todas as palavras de apoio e incentivo, e por compartilharem suas vidas, narrando suas experiências. Vou levar essas vivências e experiências, as histórias contadas como aprendizado por toda a minha vida. Obrigada.

RESUMO

O trabalho desempenhado por mulheres rurais por vezes não é reconhecido como tal por elas e nem por membros da família e da sociedade, podendo desencadear sentimentos de inferioridade e falta de reconhecimento de seu mérito. Nesse sentido, esta pesquisa-ação teve como objetivo analisar como as mulheres têm superado desafios históricos de gênero no meio rural, por meio de método de coprodução de conhecimento. Essa pesquisa foi realizada por meio de conjunto de oficinas de coprodução de conhecimento, realizadas com sete grupos de mães, totalizando 125 mulheres agricultoras, no município de Santa Helena, no Oeste do Paraná. Durante a pesquisa, foram empregadas dinâmicas que estimularam as mulheres a refletirem sobre a relevância de seu trabalho. Os resultados obtidos evidenciaram a necessidade de promover o reconhecimento e a conscientização das mulheres rurais sobre o valor de seu trabalho. Mulheres conscientes de seu valor são mais propensas a defender seus direitos e ocupar posições que anteriormente eram de difícil acesso. Assim, ao valorizar o trabalho da mulher produtora rural, inquestionavelmente é possível contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

Palavras-chave: Agricultoras. Gênero. Geração. Mulheres. Patriarcado.

ABSTRACT

The work done by rural women is sometimes not recognized as such by them or by family members and society, which can lead to feelings of inferiority and a lack of recognition of their merit. In this sense, this action research aimed to analyze how women have overcome historical gender challenges in rural areas, using a method of co-producing knowledge. This research was carried out through a set of knowledge co-production workshops with seven groups of mothers, totaling 125 women farmers, in the municipality of Santa Helena, in the west of Paraná. During the research, dynamics were used to encourage the women to reflect on the relevance of their work. The results showed the need to promote recognition and awareness among rural women of the value of their work. Women who are aware of their value are more likely to defend their rights and occupy positions that were previously difficult to access. Thus, by valuing the work of rural women producers, it is unquestionably possible to contribute to building a fairer and more equitable society.

Keywords: Women farmers. Gender. Generation. Masculinity. Patriarchy.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Localização do Município de Santa Helena, no Oeste do Paraná, Brasil.....	22
Figura 2 – Dinâmica: “Como foi, como é, e como podemos melhorar o futuro para a mulher do campo?”	26
Figura 3 – Dinâmica: "copo com flor", realizado com os grupos de mães.....	27
Figura 4 – Finalizando a dinâmica: “copo com flor”, realizado com os grupos de mães.	28
Figura 5 – Atividades desempenhadas pelas mulheres durante suas rotinas, com o valor mensal que, hipoteticamente, deveriam receber.....	39
Figura 6 – Algumas das respostas das participantes para as perguntas: “Como foi, como é, e como podemos melhorar o futuro da mulher do campo?”	44
Figura 7 – Nuvem de palavras formada com as respostas obtidas para a pergunta “Gostaríamos de saber o que você acha que é preciso para melhorar o meio rural para as mulheres?”.....	51

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Estratos de idade das mulheres agricultoras participantes da pesquisa realizada em Santa Helena/ PR no ano 2023.....	31
Gráfico 2 – Estado civil das mulheres agricultoras participantes da pesquisa realizada em Santa Helena/ PR no ano 2023.....	32
Gráfico 3 – Presença e condição dos filhos das mulheres agricultoras participantes da pesquisa realizada em Santa Helena/PR no ano 2023.....	33
Gráfico 4 – Condições de residência das mulheres agricultoras participantes da pesquisa realizada em Santa Helena/PR no ano 2023.....	33
Gráfico 5 – Fonte de renda das unidades familiares agricultoras participantes da pesquisa realizada em Santa Helena/PR no ano 2023.....	32
Gráfico 6 – Participação na renda da unidade familiar das mulheres agricultoras participantes da pesquisa realizada em Santa Helena/PR no ano 2023.....	35
Gráfico 7 – Dedicção do tempo em horas para as atividades cotidianas das mulheres agricultoras participantes da pesquisa realizada em Santa Helena/PR no ano 2023.....	36
Gráfico 8 – Demandas identificadas pelas mulheres para melhoria na qualidade de vida	48

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Logística da realização das atividades junto aos grupos de mulheres.....	23
Quadro 2 – Atividades produtivas e reprodutivas realizadas pelas mulheres agricultoras e o respectivo valor atribuído.....	40
Quadro 3 – Atividades das mulheres agricultoras há 60 anos no meio rural e na sociedade.....	42

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FAO	Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INDEC	Instituto Nacional de Desenvolvimento Educacional e Capacitação

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	15
2	GÊNERO E DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO NO MEIO RURAL.....	18
2.1	GÊNERO E DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO.....	18
2.2	COPRODUÇÃO DE CONHECIMENTO PARA A AUTONOMIA DE MULHERES AGRICULTORAS.....	20
3	MÉTODO.....	22
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	31
4.1	CARACTERIZAÇÃO DAS MULHERES AGRICULTORAS.....	31
4.2	VALOR PRODUTIVO E REPRODUTIVO DO TRABALHO DAS MULHERES.....	38
4.3	PERCEPÇÕES HISTÓRICAS SOBRE A MULHER NO MEIO RURAL E NA SOCIEDADE.....	42
4.4	PERSPECTIVAS FUTURAS PARA A MULHER NO MEIO RURAL E NA SOCIEDADE.....	47
5	CONCLUSÃO.....	53
	REFERÊNCIAS.....	55
	APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO.....	59
	APÊNDICE B – REGISTROS DOS GRUPOS DE MÃES INTEGRANTES DA PESQUISA AÇÃO.....	61

1 INTRODUÇÃO

Os dados do cenário rural brasileiro nos permitem afirmar que há um processo de mudança em curso, evidenciado pelo aumento no número de estabelecimentos agropecuários que passam a ser dirigidos por mulheres. Isso é confirmado pelos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), quando se observa que em 2017, 18,7% dos estabelecimentos rurais eram dirigidos por mulheres, enquanto em 2006 essa proporção era de apenas 12,7% (IBGE, 2006; 2019). Em valores absolutos, são 289.820 estabelecimentos que passaram a ser dirigidos por mulheres, atingindo o montante de 946.075 em 2017.

No território paranaense, a proporção de estabelecimentos liderados por mulheres registrou 9,4% em 2006, aumentando para 13,4% em 2017. Isso evidencia a consonância do estado do Paraná com a tendência observada no contexto nacional. Crescimento mais singelo é observado no município de Santa Helena, no Oeste do Paraná, visto que em 2006 eram 12,2% dos estabelecimentos dirigidos por mulheres, registrando apenas 12,7% em 2017.

Mesmo que incompletos, os dados disponíveis confirmam informações da Organização para a Alimentação e Agricultura FAO, apresentados por Litre *et al.* (2022), segundo a qual, 43% da mão de obra agrícola é proveniente de mulheres em países em desenvolvimento, a exemplo do Brasil. Isso não significa que as mulheres sejam necessariamente proprietárias das terras e/ou dos meios de produção, mas que elas participam, em muitas situações, da geração de renda econômica, tendo seu protagonismo invisibilizado. As mulheres são atores sociais e econômicos importantes e, ao mesmo tempo, as mais afetadas no tocante às desigualdades de gênero (Zavala, 2019; Paulilo, 2013).

O modo como elas se identificam quanto à divisão do trabalho nas unidades de produção, são um indicativo de que os dados censitários possam ser subestimados. Em sua maioria, as mulheres se autodeclaram como “ajuda” do homem nas unidades de produção, e não se identificam como atores produtivos que geram renda, ou seja, o valor do trabalho feminino acaba não sendo contabilizado nas estatísticas, configurando um trabalho produtivo real, mas invisível (Paulilo, 2013).

No meio rural essa divisão do trabalho é mais complexa de ser entendida do que no meio urbano, em que na maioria das vezes configuram-se em trabalhos assalariados e com cargas horárias definidas. A intensa atribuição de tarefas designadas às mulheres no meio rural configura uma jornada de trabalho e produção de bens e serviços a unidade de produção assim como para a sociedade (Paulilo, 2013; Specht, 2019).

Foi somente a partir de históricos movimentos sociais, que a luta por igualdade de gênero e discriminação teve maior visibilidade, estes estigmas se encontram lado a lado com as mulheres durante o curso histórico, exemplo disso é a forma como a educação de mulheres é voltada ao cuidado do lar enquanto ao homem fica o papel de mantenedor da casa (Paulilo, 2013). Ainda segundo a autora, a interiorização de valores que nos são ensinados desde crianças nos faz pensar que somos formadores de opiniões, enquanto se trata apenas de uma doutrinação social que nos é inserida desde pequenos.

No que diz respeito à organização do trabalho no meio rural, ele é dividido em trabalho produtivo e reprodutivo. Segundo Fernandes *et al.* (2009) o trabalho reprodutivo diz respeito às tarefas que não têm remuneração (cuidar da casa, das crianças, cozinhar, limpar), tarefas de reprodução social e de vida que impactam diretamente no bem-estar social, no entanto não tem caráter mercantil, e estes são destinados às mulheres. Já o trabalho produtivo diz respeito às tarefas exercidas no mercado de trabalho remunerado, ou seja, com cunho capitalista e que geralmente tem um forte valor social agregado, e este é destinado ao homem. É importante salientar que o trabalho reprodutivo é de fundamental importância para que esse sistema de divisão possa ser eficiente.

Segundo dados da FAO, apresentados por Litre *et al.* (2022), não somente no que diz respeito ao âmbito financeiro, mas também ao acesso a bens e serviços como assistência técnica e o acesso à terra, onde possuem titularidade de apenas 30%, possuem menos recursos do que o necessário para cumprir as responsabilidades.

Diante desse cenário, com importantes avanços sobre o reconhecimento do valor das mulheres para o meio rural, não apenas no caráter familiar, mas especialmente produtivo, econômico, ambiental e sociocultural, que se insere este trabalho de

conclusão de curso. Portanto, essa pesquisa tem como pergunta norteadora: como as mulheres têm superado os desafios de gênero no meio rural?

A partir disso, o objetivo geral desse trabalho é, por meio da coprodução de conhecimento, conhecer as mulheres rurais santahelenenses e analisar como estas têm superado os desafios do meio rural, observando se notam diferenças na atualidade e no meio rural de 60 anos atrás, além de considerar suas perspectivas para o futuro. Para tanto, constituem os objetivos específicos:

- 1) Caracterizar o perfil socioproductivo da mulher produtora rural do município de Santa Helena;
- 2) Identificar as mudanças socioculturais e produtivas pelas quais as mulheres rurais vivenciaram;
- 3) Analisar as perspectivas de mudanças almejadas por mulheres rurais para alcançar um futuro mais equitativo.

Esse estudo se justifica, pela falta de estudos na temática de gênero para o contexto de Santa Helena, especialmente pelo fato desse estudo ocorrer no âmbito do curso de Agronomia. Tendo em vista que a pesquisa se baseia na coprodução de conhecimento, a mesma se configura com a participação da sociedade para a formulação de conhecimentos que visam integrar os atores de forma a solucionar problemas reais que possam ser empregados em novas políticas públicas. A produção de estudos implantados em comunidades visando abordar seus contextos reais auxiliam na formulação de propostas para serem implementadas pelos gestores de políticas públicas. Almejando assim contribuir para o aprimoramento das ações do poder público na vida e bem-estar social das comunidades, por intermédio do melhor aproveitamento de recursos públicos. Nesse sentido, é da associação por meio do Estado e sociedade que o presente estudo se fundamenta.

2 GÊNERO E DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO NO MEIO RURAL

Nesta seção são abordados conceitos de gênero, objetivação e coprodução de conhecimento.

2.1 GÊNERO E DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO

Conjunto de estruturas históricas e sociais de categorização dos indivíduos são capazes de objetivar o enraizamento da tipologia sexual, uma vez que já estão infiltradas de significação social inerentes a essas categorias, essa categorização visa eleger uma unidade social, e esta, é constituída de posturas cognitivas, de percepção dos elos e estruturas que as unem (Bourdieu, 2012).

Os modelos de divisão preexistentes nos sistemas míticos ritual, estabelecem uma visão objetivista de diferenciação que se equivale ao “verdadeiro”, conhecido, reconhecido, oficial. Portanto, enquanto indivíduos pensantes passamos ao senso comum de que essa divisão está na “ordem natural das coisas”, tornando-se um esquema inevitável de entendimento organizacional de pensamentos e ações (Bourdieu, 2012).

Essa objetivação tem cunho histórico e cultural, ou seja, entende-se por objetivação o processo de produção e reprodução cultural (material ou não), de práticas, pensamentos, atitudes e maneiras de vida, constituindo um processo de apropriação cultural (Duarte, 2004).

Essas vivências são vislumbres da sociedade arbitrária imprimida primeiramente pela divisão social constituída entre os sexos, vista como evidente e natural tornando-se legítima e reconhecida socialmente (Bourdieu, 2012). O produto da definição social de corpo intrínseco aos órgãos sexuais baseados nas diferenças visíveis entre as genitálias e corpos masculino e feminino torna-se o fato maior é indiscutível dos valores e princípios desta visão sistemática de divisão em gêneros masculino e feminino (Bourdieu, 2012; Bento, 2006; Preciado, 2014). Para os mesmos autores, baseando-se na diferenciação biológica entre os corpos tem-se elencado historicamente uma hierarquia social, fundamentada em seus usos e funções, a exemplo da reprodução

biológica, que fundamenta “naturalmente” a divisão do trabalho (Bourdieu, 2012; Bento, 2006; Preciado, 2014).

Robert Stoller foi um dos pioneiros a abordar o termo gênero. Para o autor, dentre as categorias já existentes ainda faltava uma que não remetesse somente a ser homem ou mulher, mas sim que se distingue do sentimento social de identidade, “o sexo social” distinto então pela designação de “gênero” (Cossi, 2018). Ele relaciona o termo sexo intrínseco à biologia, fisiologia e anatomia humana, e o termo gênero aos fenômenos de pensamentos, sentimentos e comportamentos relativos à masculinidade e feminilidade, sem qualquer inferência ao respeito de sua biologia em si.

Joan Scott (1991) realiza importante contribuição ao debate e à conceituação de gênero, perpassando pela história e emergência e consolidação do termo. Entre as concepções, a que tem sido utilizada com maior recorrência na literatura contemporânea pressupõe que gênero é “igualmente utilizado para designar relações sociais entre os sexos” (Scott, 1991). Em outras palavras, o gênero é uma maneira de indicar “construções sociais” dos diferentes papéis dos indivíduos, dentro dos seus diferentes sexos, possam vir a exercer.

O gênero, juntamente com outros eixos, como etnia e classe social, fazem parte da construção e organização das relações de trabalho dentro da sociedade (Schwendler, 2020). Estas relações de trabalho sofreram mudanças com o passar dos anos, e com a industrialização, houve a separação espacial do trabalho produtivo – gerador de renda/salário, do reprodutivo – cuidado com os filhos e a casa. No meio rural, estas atividades ainda permanecem no mesmo espaço (Alves, 2013).

O trabalho das mulheres rurais é, ainda, muito estereotipado. Em teoria, se deixam tarefas mais “leves” e “femininas” para estas que, pois acredita-se que naturalmente, as mulheres são mais cuidadosas e caprichosas, porém, sabe-se que na realidade, estas realizam trabalhos pesados e insalubres, que são invisíveis, e quando contratadas para trabalhar no meio rural, recebem menos do que os homens (Silva, 2016).

Em estudo realizado por Moraes e Nascimento (2021), sobre mulheres rurais nordestinas e desviantes, foi constatado que a separação de gênero ainda tem forte reprodução no meio rural. Cada indivíduo compõe um tipo de “moeda social”, “ou valor

social”, para uma determinada classe dentro de uma sociedade. Por exemplo, já se toma como correto e natural a mulher se casar e ter filhos, de ter de cumprir seu papel de cuidadora, sua moeda social por muitos anos vinha ancorada a certas funções sociais como as citadas anteriormente. O estudo relata que mulheres rurais as quais optaram por não se casar e nem ter filhos, aos olhos da sociedade não cumpriram com o papel que lhes era designado, rompendo com a expectativa da norma social, sendo assim, se encontram reféns de uma estrutura dirigida por valores patriarcais que conduzem as relações no meio rural.

Specht (2019), ao realizar pesquisa em Planaltina, no Distrito Federal, evidenciou que são diversos os fatores que obstruem o desenvolvimento e a autonomia das mulheres rurais, correspondente a condições ínfimas de vida e trabalho digna, apoiada a fatores limitantes como restrição de uso da terra, acesso à água e de mobilidade. Evidencia também a sobrecarga de trabalho com as atividades de cuidado e domésticas devido a divisão sexual do trabalho, configurando em um empecilho para que elas dediquem mais tempo à atuação na produção das unidades agrícolas e na comercialização da produção.

2.2 COPRODUÇÃO DE CONHECIMENTO PARA A AUTONOMIA DE MULHERES AGRICULTORAS

O termo coprodução de conhecimento vem ganhando importância, visto que possui visão holística e, dá ênfase no trabalho coletivo, que engloba vivências, saberes e experiências de sujeitos heterogêneos e a maneira como estes atuam na gestão e solução de problemas sociais.

Os conceitos de colaboração, cooperação e coprodução tem como finalidade distinguir as diferentes formas de trabalhar em conjunto. No entanto, os termos de colaboração, cooperação, por exemplo, são restritos à hierarquia dos atores no processo de produção, já o termo de coprodução busca uma concepção que visa integrar de forma horizontal a heterogeneidade dos atores. Ganha referência na literatura por pesquisas no âmbito científico em que se adere a participação de público. Busca sentido em nivelar as relações entre ciência e sociedade, onde se justifica ao

integrar pesquisa científica e os atores que são afetados diretamente por aqueles resultados, garantindo maior qualidade de conhecimentos gerando um retorno para a sociedade em âmbito real (Barcelos, 2021).

Matte *et al.* (2021), em pesquisa participativa, apontam que a coprodução de conhecimento compreende a conjunção entre conhecimento local, tácito e tradicional, com o conhecimento científico, consistindo em excelente mecanismo para obter informações e gerar mudanças endógenas nos grupos em que práticas e ações são realizadas.

Em seu estudo, Barcelos (2021), evidencia que dois pontos de vista a respeito da coprodução podem ser notados na literatura, o de Elinor Ostrom caracterizada pela participação do cidadão na produção de bens e serviços públicos, e a de Sheila Jasanoff, que consiste na junção do envolvimento da sociedade civil na regência da tecnologia e da Ciência. O autor afirma que ambas as definições apontam para soluções criativas e participativas capazes de serem empregadas não apenas teoricamente mais no mundo real.

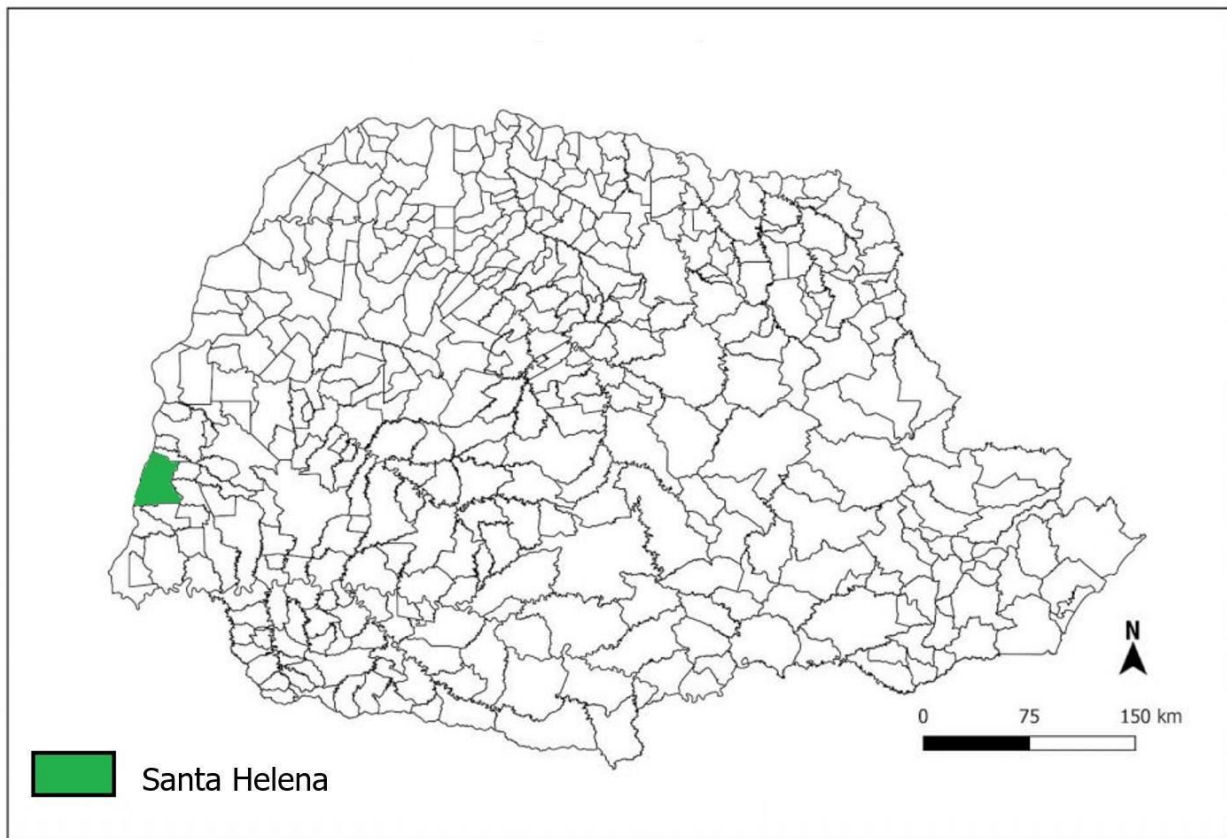
A produção de conhecimento envolvendo os atores, seja na forma de oficinas, debates e discussões, consiste na mobilização de conhecimento local e experiência de vida dos participantes, e como resultado, pode gerar mudanças impactantes do ponto de vista conceitual, cultural e pedagógico possibilitando a revisão de conceitos e atitudes dos envolvidos (Schwendler, 2020). Isto se dá, devido a esta forma de análise é baseada em sociedades e não apenas discutidas por especialistas, gerando assim uma forma de democratização, dando oportunidade de envolvimento dos atores durante todo o processo produtivo do conhecimento (Barcelos, 2021).

Assim, entender a definição de gênero e de coprodução de conhecimentos são importantes para pensar o método que dará sustentação a essa pesquisa ação. Portanto, além de obter resultados sobre o lugar de fala e o papel de mulheres agricultoras, este estudo visa construir mudanças de comportamentos e de fortalecimento de mulheres agricultoras no Oeste do Paraná.

3 MÉTODO

Essa pesquisa é do tipo qualitativa-descritiva, pois busca compreender e aprofundar, da perspectiva das participantes, sobre o universo que estão inseridas, na medida em que permite descrever um fenômeno entre mulheres rurais (Hernández-Sampieri *et al.*, 2013). Para alcançar os objetivos propostos, esse estudo compreende pesquisa de campo junto a grupos de mães, formados por mulheres rurais no município de Santa Helena, situada no Oeste do estado do Paraná (Figura 1)

Figura 1 – Localização do Município de Santa Helena, no oeste do Paraná, Brasil



Fonte: Elaborado pela autora com base em mapa cartográfico do IBGE (2021).

A pesquisa foi realizada em grupos de mulheres rurais do município atendidos pela prefeitura Municipal de Santa Helena por meio da Secretaria Municipal de Assistência Social, por intermédio do Departamento da Mulher e Assuntos Comunitários, o disponibilizou acesso à lista de grupos, bem como o contato com os

clubes de mães do município. No momento da realização da pesquisa, a lista de clubes do município continha 25 grupos, com 467 integrantes no total.

Com acesso à lista, a seleção dos grupos foi realizada a escolha dos grupos se justificou basicamente por duas motivações: a) grupos inseridos no meio rural e compostos por agricultoras; b) grupos com distribuição geográfica uniforme no município.

A Tabela 1 a seguir apresenta a distribuição dos grupos e o número de mulheres envolvidas na pesquisa, bem como os sete grupos de clubes de mães em que a pesquisa foi realizada. Na estimativa, havia 156 integrantes no compilado dos grupos, na prática, participaram das atividades um total de 125 mulheres, com representatividade igual ou superior a 50% em todos os grupos analisados.

Tabela 1 – Distribuição dos grupos e do número de mulheres envolvidas na pesquisa, onde NI: número de integrantes; NP: número de participantes; R: representatividade (%).

Grupo	Nome	Comunidade	NI	NP	R
1	Folha Verde	Santa Helena Velha	13	22	169,23%*
2	Unidas Venceremos	São Miguelzinho	23	14	60,86%
3	Camponesas	Linha Nova	15	10	66,66%
4	Nazaré	Moreninha	24	23	95,83%
5	Santa Gema	Linha União	16	14	87,5%
6	Nasce uma flor	Esquina Céu Azul	23	21	91,30%
7	AMASC	São Clemente	42	21	50%
Total			156	125	88,76%

*A representatividade do Grupo 1 foi superior a 100%, pelo fato de nesta comunidade estarem inscritas no grupo 13 mulheres e no em que foi realizada a pesquisa, estavam presentes 22. Isto se dá, pois, as mulheres participantes são livres para convidarem outras mulheres aos encontros, como filhas, noras e vizinhas, mesmo que estas não estejam inscritas formalmente no grupo.

Fonte: Elaborado pela autora com base em pesquisa de campo (2023).

Para explicar a representatividade do tamanho da amostra foi estabelecido 95% como nível de confiança, considerado o tamanho da população de 4.248 mulheres residentes no rural acima de 15 anos. A margem de erro foi definida em 9%. Adotando o preceito de distribuição da população de forma mais homogênea, chegamos a tamanho ideal de amostra de 116 participantes.

$$n = \frac{N \cdot Z^2 \cdot p \cdot (1-p)}{(N-1) \cdot e^2 + Z^2 \cdot p \cdot (1-p)}$$

Em que: n = é o tamanho da amostra que queremos calcular (amostragem da população de Santa Helena);

N = é tamanho do universo (ou seja, a população);

Z = é o desvio do valor médio que é aceito para alcançar o nível de confiança que se deseja, determinado pela forma de distribuição de Gauss; nesse caso utilizamos 95% ($Z= 1,95$;

e = é a margem de erro amostral máximo que se admite (utilizada de 10% divididos para mais e para menos);

p = é a proporção que se espera encontrar (utilizada $p= 50\%$).

A pesquisa alcançou a participação de 125 mulheres agricultoras o equivalente a 2,94% da população, garantindo significância estatística à pesquisa. Assim, a margem de erro deste estudo ficou em 8,77%, visto que o número de participantes superou a amostra prevista. A pesquisa foi realizada no período compreendido entre abril e junho de 2023 e o método desta pesquisa se baseia nos princípios utilizados por Matte *et al.* (2021), que utilizaram a coprodução de conhecimento para obtenção de resultados.

Mensalmente, os grupos de mães se encontram em datas fixas (quadro 1), para realização de suas atividades como: jogo de bingo e outros jogos, com o objetivo de confraternização entre as mulheres da comunidade. Então, com antecedência, as pesquisadoras entraram em contato com a presidente de cada grupo via WhatsApp, explicando sobre a pesquisa e marcando as atividades para o dia do próximo encontro, aproveitando a reunião das mulheres rurais. Cabe ressaltar que os encontros aconteceram nas comunidades rurais, sendo alguns nas associações comunitárias e outros nas propriedades das participantes, como ilustra o quadro 1.

Quadro 1 - Logística da realização das atividades junto aos grupos de mulheres

Grupo	Local do encontro	Dia dos encontros mensais	Data da realização das atividades
1	Centro comunitário da comunidade	Às segundas sextas-feiras de cada mês	09/06/2023
2	Pastoral da criança	Aos segundos sábados de cada mês	15/04/2023
3	Propriedade da presidente do grupo	Às terças segundas-feiras de cada mês	17/04/2023
4	Centro comunitário da Igreja Católica da comunidade	Aos primeiros sábados de cada mês	06/05/2023
5	Centro comunitário da comunidade	Às terças terças-feiras de cada mês	18/04/2023

6	Centro comunitário da comunidade	Às quartas quartas-feiras de cada mês	23/05/2023
7	Centro comunitário Gralha Azul	Às primeiras segundas-feiras de cada mês	01/05/2023

Fonte: Elaborado pela autora com base em pesquisa de campo (2023).

O grupo de condução e organização das atividades aplicadas nesta pesquisa é integrado por seis mulheres facilitadoras, integrantes da Rede Campo (Rede de Pesquisa, Inovação e Extensão em Desenvolvimento Rural), sendo uma docente e cinco discentes, de graduação e da pós-graduação. Após os agendamentos de cada encontro, na data marcada, se realizavam quatro dinâmicas e a aplicação do questionário de caracterização das participantes. Tanto as dinâmicas como a aplicação do questionário foram realizadas pelas facilitadoras da Rede Campo e se deram em um único encontro, ou seja, todas as respondentes do questionário estavam presentes nas demais dinâmicas.

As integrantes da Rede Campo iniciaram os encontros apresentando-se, falando nome, profissão e atuação, para então dar início às atividades que, em todos os grupos, seguiram a sequência a seguir:

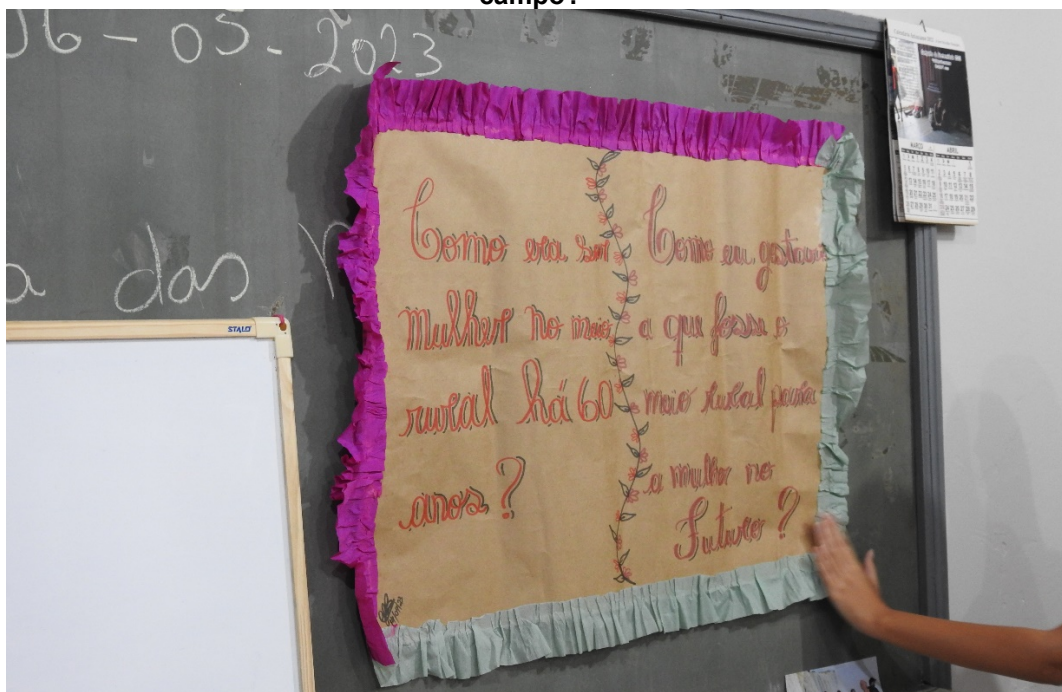
a) Dinâmica 1: “Corrente elétrica humana”. Essa dinâmica tem como objetivo “quebrar o gelo” entre as participantes, reduzindo a timidez e deixando-as mais à vontade para as atividades posteriores. Consistiu em formar um círculo, com as mulheres segurando as mãos umas das outras, formando uma “corrente”. A facilitadora inicia a atividade dando um aperto de mão em uma das participantes, e este aperto é repassado de uma mulher para outra até chegar a pessoa que iniciou a ação. A atividade proporciona momentos de descontração para todo o grupo e ao final dessa atividade era notável que as mulheres encontravam-se mais descontraídas. Cabe ressaltar que todas as atividades foram realizadas com as participantes sentadas, uma vez que em detrimento da idade avançada de algumas mulheres, entendemos que dessa forma estariam mais confortáveis.

b) Dinâmica 2: “Valor monetário”. Essa atividade foi realizada com o objetivo das mulheres constatarem o valor do trabalho que desempenham dentro de sua propriedade rural. A dinâmica consistiu em perguntar às mulheres quais as atividades elas realizam dentro e fora da propriedade durante um dia. Enquanto, durante o

diálogo, as mulheres iam relatando as atividades, as facilitadoras registravam em uma lousa as tarefas mencionadas. Em casos de repetição, era acrescentado um asterisco ao lado da atividade na lousa. Em seguida foi lançada a hipótese: Se por algum motivo, elas não pudessem desempenhar tais funções e precisassem remunerar alguém para realizá-las, quanto seria justo pagar por cada uma dessas atividades mencionadas anteriormente em um período de 30 dias? Após discutirem em grupo a questão do valor monetário do trabalho, as participantes chegaram a um consenso e determinaram o preço que consideravam adequado para cada atividade. Depois de estabelecido os valores, foi feita a somatória. Ao finalizar, houve um diálogo sobre o preço do trabalho e o valor que elas possuem, por consequência a importância delas no âmbito familiar e nas atividades agropecuárias.

c) Dinâmica 3: “Como foi, como é, e como podemos melhorar o futuro para a mulher do campo?” (Figura 2). Nesta atividade, primeiramente foram realizadas duas perguntas: a primeira: como era ser mulher no meio rural há 60 anos? Com a lousa repartida ao meio, as respostas da primeira pergunta eram anotadas na primeira divisão da lousa e, depois de responder a primeira pergunta, as facilitadoras perguntavam se elas achavam que houveram melhoras.

Figura 2 – Dinâmica: “Como foi, como é, e como podemos melhorar o futuro para a mulher do campo?”



Fonte: Registro da autora durante pesquisa de campo (2023).

As respostas foram anotadas na outra parte da lousa. Ciente das melhoras, uma terceira e final pergunta foi lançada: o que precisa ser melhorado para as mulheres no meio rural? O objetivo destes questionamentos foi, mesmo que por alguns minutos, fazer as mulheres refletirem e discutirem entre si, sobre o quanto mudou o mundo rural e que, concomitante a isto, ainda temos muito a melhorar.

d) Dinâmica 4: “Copo com a flor” (Figura 3). Esta dinâmica consistiu em fazer um círculo com as mãos dadas e os olhos fechados. Enquanto as mulheres estavam concentradas, uma facilitadora conduzia a dinâmica. A facilitadora pediu que as mulheres inspirassem e soltassem o ar lentamente, para que pudessem relaxar. Posteriormente, solicitou que elas se imaginassem em um campo bonito, com gramado verde, som de pássaros e que avistassem uma porta neste campo. E então, caminhassem até essa porta, a abrissem, e avistassem sua mãe e avós, ou seja, as mulheres responsáveis pela sua criação e que fizeram parte da formação dessas mulheres até o presente momento. Após esse momento intenso, foram convidadas a se imaginar dando um forte abraço em suas ancestrais, para agradecerem por todo ensinamento que lhes foi repassado, posteriormente as participantes foram instruídas a imaginarem se despedindo de suas antepassadas.

Figura 3 – Dinâmica: “copo com flor”, realizado com os grupos de mães.



Fonte: Registro da autora durante pesquisa de campo (2023).

A facilitadora que conduziu a atividade, guiou as mulheres, em seus imaginários, para um quarto que continha um espelho, onde elas se viram e pediu para que admirassem sua beleza. Foram guiadas a se imaginarem segurando um copo preenchido pela metade. A facilitadora, calmamente, menciona que a parte preenchida representa o que elas vivenciam até hoje: alegrias, tristezas, ou seja, tudo o que passaram até o presente momento, e que fez com que se tornassem as mulheres que são hoje. E, a parte do copo que ainda não está preenchida representa tudo o que elas ainda têm para viver. A facilitadora então conduz as mulheres para que agradeçam a si mesmas, por tudo que viveram e tudo que ainda têm a viver.

Finalizando a dinâmica, as mulheres foram convidadas a abrirem os olhos e abraçarem as demais integrantes do grupo (Figura 4). Essa dinâmica foi realizada com a finalidade de provocar a reflexão dos presentes sobre suas ancestrais, que participaram da construção de quem elas são, bem como olhar para a trajetória que percorreram até o presente momento. Também é uma mística que busca curar e acalmar os corações.

Figura 4 – Finalizando a dinâmica: “copo com flor”, realizado com os grupos de mães.



Fonte: Registro da autora durante pesquisa de campo (2023).

Encerradas as atividades, as participantes retomaram a programação ordinária do encontro de mulheres. O grupo de facilitadoras, de maneira respeitosa e sem interferir no andamento do encontro, aplicou um formulário de maneira anônima para cada participante (Apêndice A), com objetivo de caracterizar o perfil sociocultural das mulheres participantes. O formulário continha questões objetivas e abertas, como dados gerais de cada participante (idade, estado civil e sobre sua fonte de renda) e sobre a organização do seu tempo com tarefas em que desempenhava durante um dia.

Posteriormente, com o resultado da aplicação do formulário, os dados foram tabulados e foram criados gráficos mostrando o percentual de mulheres que se enquadram em cada estrato. Com a resposta da pergunta “Gostaríamos de saber o que você acha que é preciso para melhorar o meio rural para as mulheres?” foi criada uma nuvem de palavras, utilizando a ferramenta WordArt, onde se inseriu as respostas excluindo preposições e gerando a imagem. A partir dos dados levantados por meio das dinâmicas 2 e 3 foram extraídas informações para serem utilizadas como substrato para análise e elaboração dos resultados dessa pesquisa. Foram feitos registros das dinâmicas por meio de fotografias que são apresentadas no (Apêndice B).

As dinâmicas aplicadas, que não foram apenas por meio de questionário fechado, mas sim de forma que as participantes puderam relatar suas vivências, permitiu uma construção e produção de conhecimento proporcionando um ambiente onde pode-se compreender não apenas dados quantitativos, mas sim perpassando pelos problemas com total integração a realidade, onde posteriormente serão utilizadas como substrato para o engajamento e geração de mais conhecimento.

Todavia, a partir dessas vivências, problematizamos as percepções entre os conhecimentos e a partir disso, adquirimos um senso de criticidade e percepção de que em momentos de interação encontramos uma gama enorme de conhecimento o que nos auxilia na organização dos pensamentos e reafirmamos que não há um conhecimento que seja superior (Freire, 2014).

O grupo de condução das dinâmicas teve caráter colaborativo para a análise e elaboração dos resultados em resposta crítica ao distanciamento que as instituições têm ao que diz respeito às realidades sociais das mulheres no campo. Para os dados

quantitativos utilizamos estatística descritiva (frequência, média, distribuição). Para os dados qualitativos, a análise de discurso, a qual, segundo Laine e Vaara (2010) buscam explorar o seu sentido e não apenas o conteúdo da mensagem transmitida.

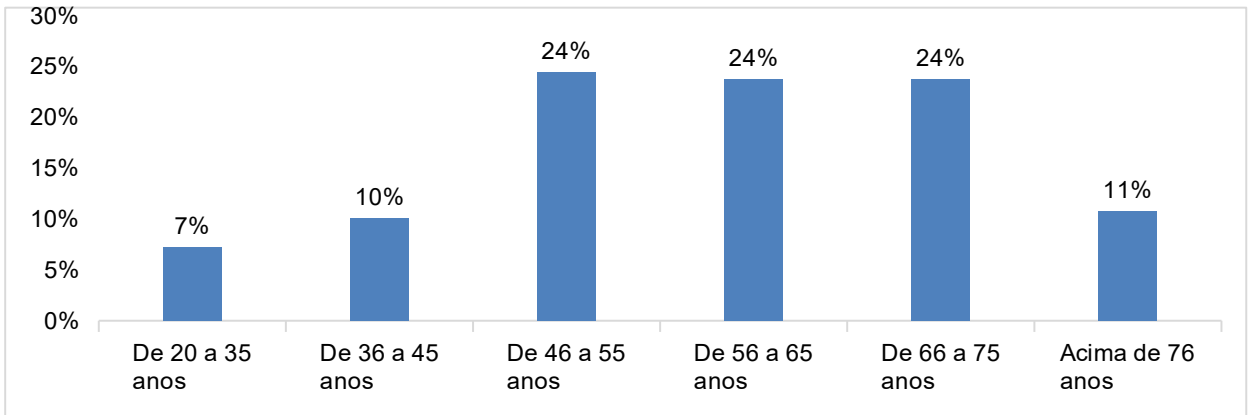
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste capítulo são compilados os resultados que respondem aos objetivos desta pesquisa. Para tanto, são apresentadas duas seções. A primeira com informações relativas à caracterização das mulheres participantes da pesquisa. A segunda com análise qualitativa dos discursos e construções desenvolvidos nos grupos a partir das atividades.

4.1 CARACTERIZAÇÃO DAS MULHERES AGRICULTORAS

Segundo dados do Censo Populacional do IBGE, o município de Santa Helena tem área territorial correspondente a 75.820 hectares, contendo aproximadamente 26.490 habitantes, com sua distribuição em 53,8% residindo no meio urbano e 46,2% no meio rural, e atualmente contabiliza 1.599 estabelecimentos rurais, sendo 81,6% da agricultura familiar (IBGE, 2019). Do montante da população rural, 5.339 são mulheres (equivalente a 44,8%), contabilizando 4.248 com idade acima de 15 anos (IBGE. 2010). O Gráfico 1 ilustra o estrato de idade das mulheres agricultoras participantes da pesquisa. Os resultados demonstram que 7% das mulheres participantes possuem entre 20 e 35 anos, 34% estão na faixa etária de 35 a 55 anos, há predominância de participantes no estrato de 56 a 75 anos a qual encontram-se 48%, já acima de 75 anos 11%.

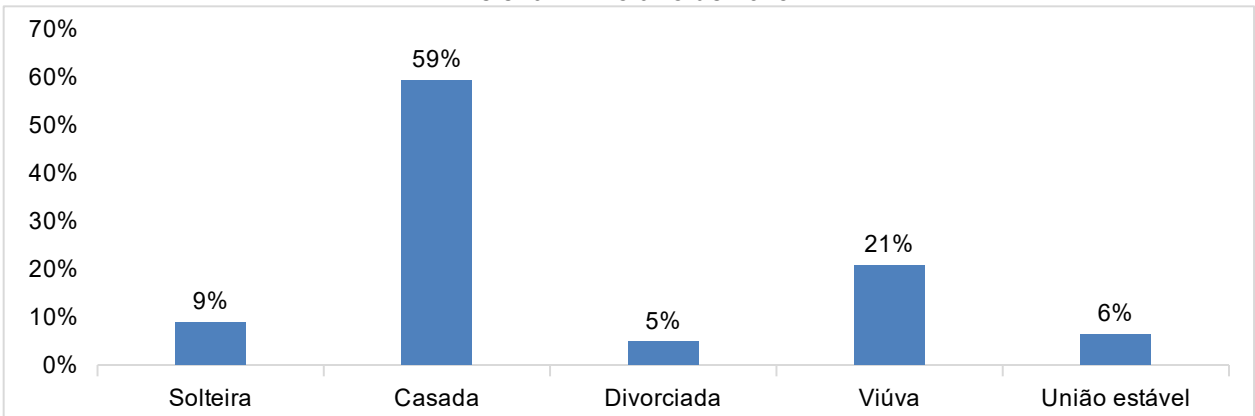
Gráfico 1 – Estratos de idade das mulheres agricultoras participantes da pesquisa realizada em Santa Helena/PR no ano de 2023.



Fonte: Elaborado pela autora com base em pesquisa de campo (2023).

O Gráfico 2 permite constatar que 59% das participantes afirmaram ser casadas, 21% viúvas, 9% afirmaram ser solteiras, 6% relataram estarem em união estável e 5% são divorciadas. A presença ou não de um companheiro e filhos na unidade familiar são fatores cruciais para a tomada de decisão das mulheres em relação a sua inserção ou não no mercado de trabalho, devido terem que alinhar atividades domésticas e profissionais (Yannoulas, 2002).

Gráfico 2 – Estado civil das mulheres agricultoras participantes da pesquisa realizada em Santa Helena/PR no ano de 2023.

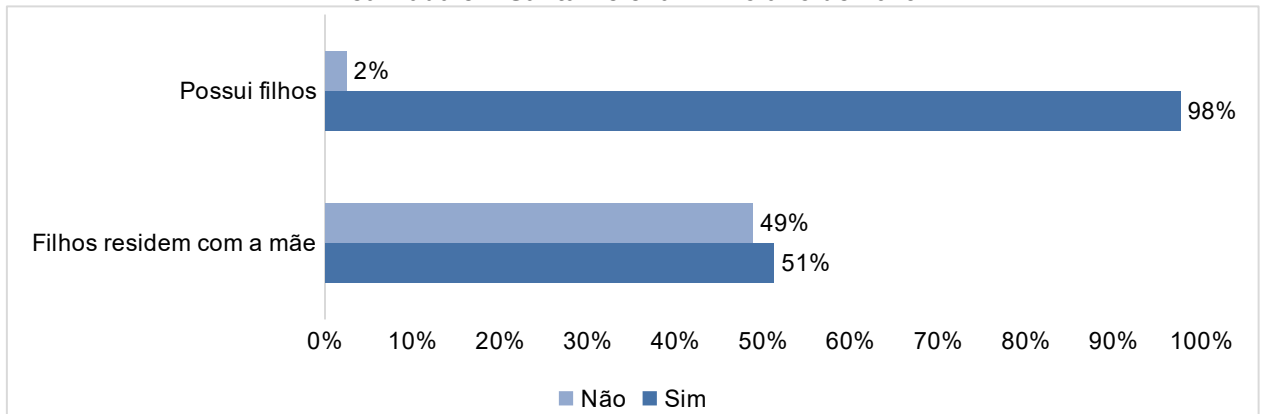


Fonte: Elaborado pela autora com base em pesquisa de campo (2023)

Quando indagadas sobre a existência de filhos, 2% das mulheres afirmaram não terem filhos, em contraponto 98%, são mães (Gráfico 3). Quando questionadas se os filhos residem com elas, 49% afirmaram que não, enquanto 51% responderam que sim. O intervalo no número de filhos é de um a dez filhos, sendo a moda, ou seja, a maior parte das respondentes que possuem filhos, tem 2 filhos. A média é de 2,7 filhos por

mulher e desvio padrão de 1,7. Esses valores estão acima da média nacional. A média nacional era de 1,8 filhos por mulher em 2006 (IBGE, 2009). A relação entre o número de filhos, o tempo que as mulheres dedicam a trabalhos profissionais e o tempo dedicado a família está intimamente ligada, por esse motivo a importância do estudo do número de filhos é justificada (Feldmann, 2023).

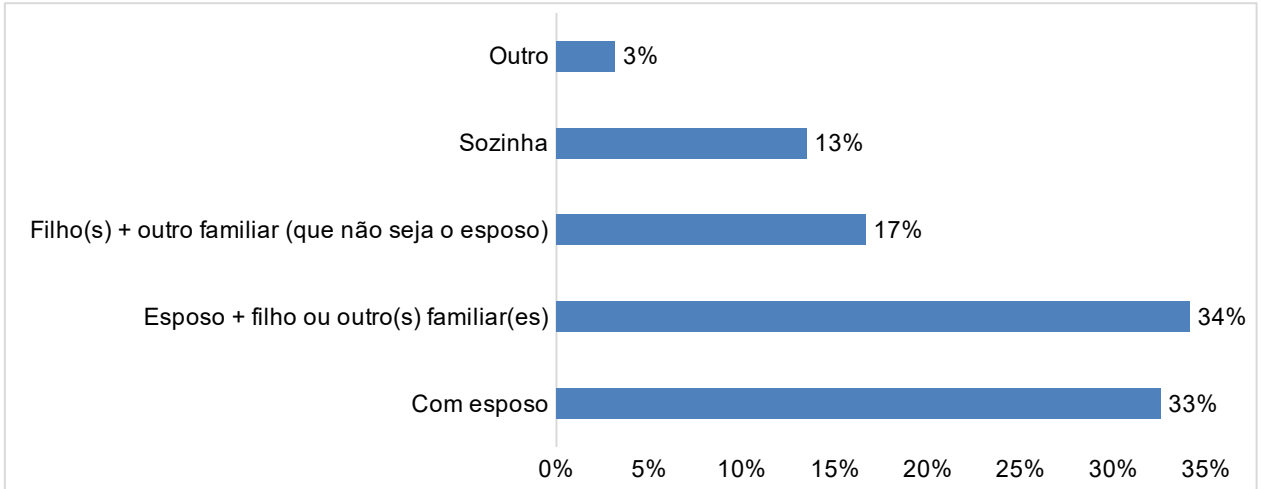
Gráfico 3 – Presença e condição dos filhos das mulheres agricultoras participantes da pesquisa realizada em Santa Helena/PR no ano de 2023.



Fonte: Elaborado pela autora com base em pesquisa de campo (2023).

Quando questionadas acerca da moradia (Gráfico 4), 34% das participantes relataram moram com o esposo, e outros familiares, enquanto 33% residiam apenas com o esposo. Em contrapartida, 17% responderam que moram com filhos e/ ou outro membro da família que não seja o esposo, já 13% afirmaram morar sozinha.

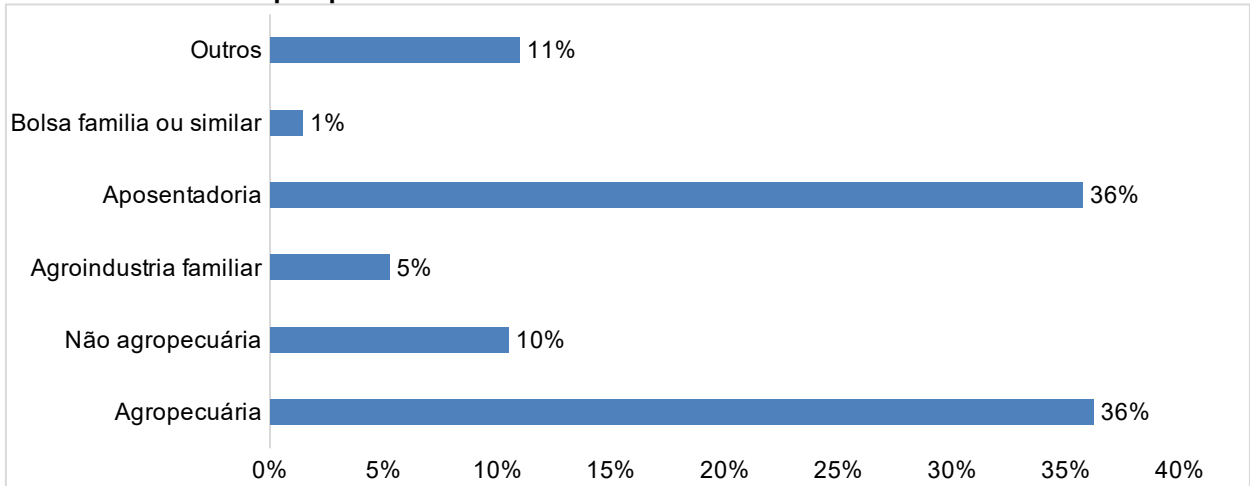
Gráfico 4 – Condições de residência das mulheres agricultoras participantes da pesquisa realizada em Santa Helena/PR no ano de 2023.



Fonte: Elaborado pela autora com base em pesquisa de campo (2023)

É possível observar no Gráfico 5 as fontes de renda das unidades familiares analisadas. 36% das participantes afirmam que a renda da família é advinda de atividades agropecuárias e, 36% relatam que vem por meio de aposentadoria. Além disso, 5% responderam que possuem renda advinda de agroindústria familiar e 10% afirmaram que a renda vem de atividades não agropecuárias. É importante observar que a renda das unidades de produção analisadas são advindas de mais de uma variável, sendo possível que as participantes apontassem diversas fontes de renda ao mesmo tempo.

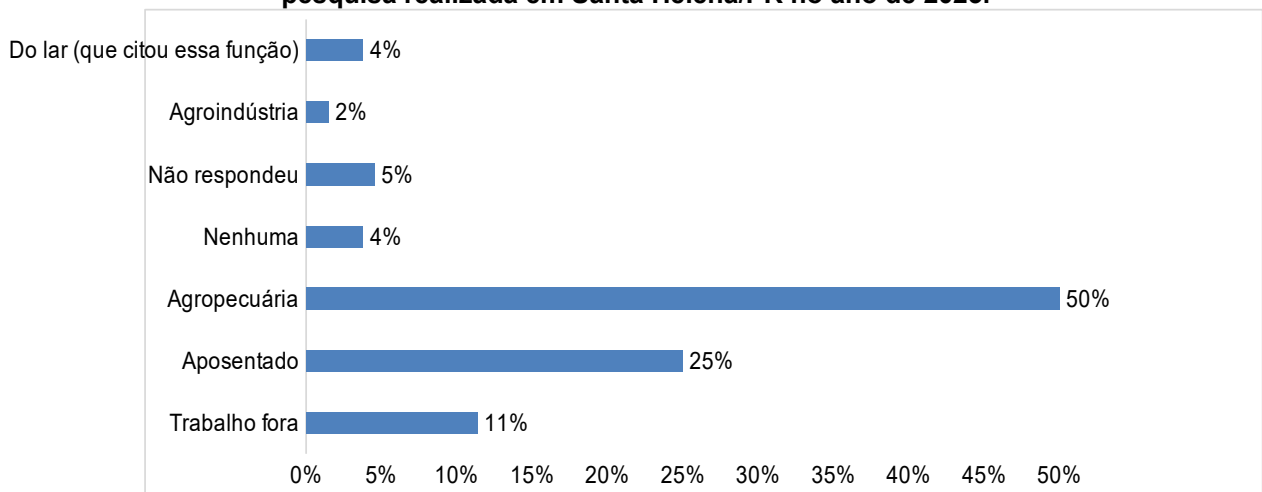
Gráfico 5 – Fonte de renda das unidades familiares das mulheres agricultoras participantes da pesquisa realizada em Santa Helena/PR no ano de 2023.



Fonte: Elaborado pela autora com base em pesquisa de campo (2023)

Ainda sobre as fontes de renda da família, quando questionadas sobre qual(is) fontes de renda a entrevistada contribui, 50% das mulheres afirmaram participar das atividades de renda agropecuária, 2% das respondentes participam da renda advinda de agroindústria familiar. Apesar da participação das mulheres no agronegócio ser subestimada pelos agentes econômicos e políticos, a participação delas tem aumentado, sendo decisiva no quesito competitividade no setor. As mulheres correspondem por mais de um terço da população ocupada no agronegócio, sendo cerca de 6,2 milhões, ou seja 34,2% eram mulheres (Cielo, 2014; Serigati,2018). Além disso, 25% afirmaram ser aposentadas, 11% responderam que trabalham fora da propriedade, 4% afirmaram ser “do lar”. Já 4% afirmam não participar de nenhuma atividade que traga renda para a propriedade e 5% não responderam, como ilustra o Gráfico 6. Segundo Cielo (2014), o aumento da população feminina economicamente ativa, apesar de discreto é evidente, mesmo que essas ainda sofram com a desigualdade de gênero.

Gráfico 6 – Participação na renda da unidade familiar das mulheres agricultoras participantes da pesquisa realizada em Santa Helena/PR no ano de 2023.

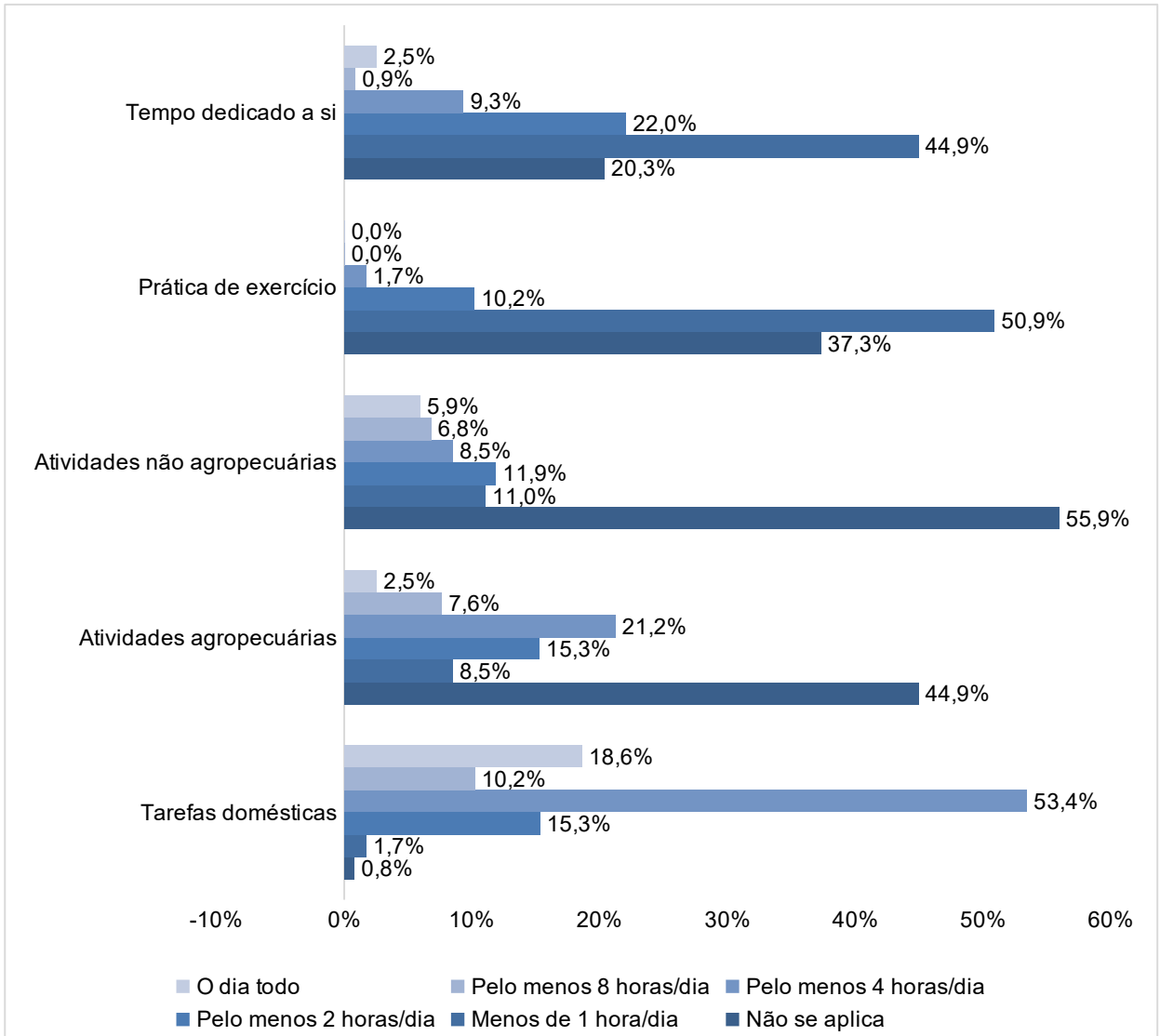


Fonte: Elaborado pela autora com base em pesquisa de campo (2023)

Quando questionadas sobre a distribuição do seu tempo durante o dia, as respondentes pontuaram uma tabela acerca das horas dedicadas a cada atividade em suas rotinas. É importante salientar que, devido realizarem diversas atividades ao mesmo tempo, pontuaram várias alternativas e, muitas vezes, o somatório compila

várias horas dedicadas em diversas funções, portanto, não fecha a carga horária de 12h que teria um dia, por exemplo. Observando o Gráfico 7, nota-se que a dedicação principal das mulheres entrevistadas é para as atividades domésticas, sendo que a grande maioria das entrevistadas se dedicam a essas atividades durante o dia e, 53,40% delas afirmam utilizar pelo menos 4 horas do dia para o trabalho doméstico. Já 28,8% delas afirmam utilizar pelo menos 8 horas do dia ou o dia todo nessa função. Historicamente a economia capitalista, atribui a competência pelo trabalho doméstico e o cuidado do lar como responsabilidades das mulheres (de Sousa *et al.*, 2023). Isso fica evidente diante das respostas apontadas pelas respondentes.

Gráfico 7 – Dedicção do tempo em horas para as atividades cotidianas das mulheres agricultoras participantes da pesquisa realizada em Santa Helena/PR no ano de 2023.



Fonte: elaborado pela autora com base em pesquisa de campo (2023).

No que diz respeito à dedicação dessas mulheres rurais em atividades agropecuárias 55,1% afirmaram dedicar-se nessa função, sendo que 31,3% afirmam dedicar 4 horas ou mais do seu dia para as atividades da propriedade.

É válido observar que das 44,9% das mulheres que afirmaram não desempenhar atividades agropecuárias, grande parte das participantes trabalharam no meio rural a vida toda mas, atualmente, em detrimento da idade avançada e, por muitas estarem aposentadas, não conseguem e/ou não necessitam mais trabalhar no campo.

Ainda no Gráfico 7, com relação a atividades não agropecuárias, 44,1% das mulheres afirmam praticar algum tipo de trabalho durante o dia, que não seja além dos

ligados aos trabalhos domésticos e agropecuários. Em sua maioria, relataram trabalhar fora da propriedade desempenhando funções como: professoras, enfermeiras e, em alguns casos, de possuir empresa própria no meio urbano. O trabalho de cuidado é um arquétipo das desigualdades entrelaçadas das questões de gênero, tendo predominantemente mulheres, pobres, negras com o papel principal para a realização dessas tarefas, desempenhadas por muito tempo na esfera privada, posteriormente por consequência do envelhecimento da população ouve a mercantilização desse trabalho e conseqüente externalização da profissão de cuidado, inserindo a mulher no mercado de trabalho (Guimarães, 2016). Tendo em vista que atualmente essas profissões ainda são mal remuneradas e por muitas vezes e ficam na informalidade.

Com relação à prática de exercícios físicos, 37,30% afirmam não praticar nenhum exercício, e 61,7% afirmam praticar. Das mulheres que se exercitam 44,9% afirmam utilizar pelo menos 1 hora do dia para essa atividade, 22% afirmam utilizar pelo menos 2 horas do dia para tal. Algumas participantes afirmaram utilizar de 4 horas até o dia todo para se exercitar (12,7%). Cabe ressaltar que, em diálogo durante as entrevistas, essas mulheres entendem que, o fato de estar o dia todo em trabalhando braçalmente, tanto nas atividades agropecuárias quanto nas atividades domésticas, configura como exercício físico, e que por esse motivo não tem nem tempo e energia disponível para fazer mais uma atividade além das que já desenvolvem, devido a sua carga horária diária ser longa e exaustiva. A gestão do tempo mostra-se importante para a saúde mental e física das mulheres, a percepção sobre a relevância na organização do tempo para as atividades cotidianas, é fundamental para que possam realizar outras atividades que promovam a socialização (Pellegrini, 2023).

Acerca do tempo dedicado para si mesmas, 79,6% das agricultoras afirmaram dedicar algum tempo para o autocuidado, sendo que 44,9% declararam dedicar pelo menos 1 hora do dia para si mesma, 22% relataram dedicar pelo menos 2 horas do dia para tal. Já 12,7% declararam usar entre 4 horas e o dia todo para si mesmas. Essas afirmações se referem ao que as participantes entendem sobre a sua forma de autocuidado, durante os diálogos, pode-se constatar que atividades como: jogar baralho, tomar chimarrão, assistir TV, fazer crochê, cuidar das plantas, ler e fazer caminhada são consideradas por essas mulheres como autocuidado.

Em contrapartida, 22,30% das mulheres relatarão não dedicar nenhum momento do dia para o seu autocuidado, enfatizando que, devido a sua rotina de trabalho doméstico e agropecuário, não sobra tempo para dedicarem a si mesmas. Culturalmente as mulheres são ensinadas a: “Primeiro faz as tarefas, depois pode brincar”. Depois quando nos tornamos adultas transformamos esse pensamento em: “Faço todas as tarefas, aí posso descansar” (fala de uma das participantes). Trata-se da mensagem projetada que as mulheres recebem sobre seu trabalho doméstico e de cuidado: eles vêm primeiro. Contudo há um problema, ele não acaba nunca. Essa construção social resulta em mulheres que não descansam, evidenciado nestes 22,30% das mulheres que afirmam não dedicar nenhum tempo do seu dia para si mesmas, colocando como prioridade suas tarefas cotidianas. Em estudo realizado por Pellegrini (2023), as mulheres tendem a aperfeiçoar os aprendizados obtidos na infância, quando essas são inseridas em espaços que proporcionem o acesso a novas informações, sendo que a obtenção de novos conhecimentos possibilita mudanças no que diz respeito à vida profissional das mulheres (Pellegrini, 2023). Nesse sentido, a autora realça a obtenção de ganhos adquiridos por meio da gestão individual do tempo, propiciando mudanças no cuidado com a saúde.

4.2 VALOR PRODUTIVO E REPRODUTIVO DO TRABALHO DAS MULHERES

Durante o andamento da Dinâmica 2 (Valor monetário – Figura 5), as mulheres compartilharam informações acerca das atividades domésticas, de cuidado e agropecuárias que desempenham na propriedade. As atividades mencionadas pelas mulheres estão relacionadas ao cuidado do lar e da família, incluindo tarefas como lavar, passar, cozinhar, fazer compras, entre outras responsabilidades domésticas, atividades relacionadas ao cuidado de netos (as), sogros (as) ou dos pais.

Figura 5 – Atividades desempenhadas pelas mulheres durante suas rotinas, com o valor mensal que, hipoteticamente, deveriam receber.

ARRUMAR CAMA	IR BANCO
TIRAR LEITE R\$1.300,00	COMPRAR ROUPA
R\$9.000,00	CUIDAR NETOS
PREPARAR CAFÉ	CORTAR GRAMA R\$1.300,00
TRATAR ANIMAIS	CARPIR/PÁTIO
LIMPAR CASA R\$1.300,00	TRATAR PEIXE
LAVAR ROUPA	CARNEAR FRANGO
PASSAR ROUPA	FAZER MATE
FAZER PÃO R\$1.300,00	IGREJA PREPARAR
CUIDAR FLORES/HORTA	R\$16.640,00
BORDA/COSTURAR/CROCHE R\$500,00	MANICURE R\$140,00
FAZER COMIDA	LAVAR CARRO
VARRER PÁTIO R\$1.300,00	FAZER FEIÇA
CATAR OVO	FAZER BOLACHA
IR NO MERCADO	LASCAR LENHA
CAMINHADA/ANDAR P/CI	FAZER MELADO
	R\$500,00

Fonte: Registro da autora durante pesquisa de campo (2023).

Essas atividades elencadas acima são vistas como trabalho reprodutivo ou de cuidado exercido na esfera doméstica, ou seja, um trabalho não remunerado, contudo essencial. Em muitas culturas, a mulher historicamente desempenhou um papel predominante voltado ao trabalho doméstico. Embora essas atividades frequentemente tenham sido subestimadas, é fundamental reconhecer sua relevância, visto que são essenciais para o bem-estar da família e para a criação de um ambiente doméstico mais saudável (Monteiro; Araújo; Moreira, 2018).

Ademais citam as atividades agropecuárias como: carpir, tirar leite, tratar os animais, cortar pasto, coletar ovos, varrer o pátio, catar milho, vender verduras, ir na roça, cuidar de aviários, fazer pão e queijo entre outras atividades mencionadas no

Quadro 2. É importante mencionarmos que é comum que várias dessas mulheres vejam as atividades agropecuárias desempenhadas por elas como simples ajuda dada aos seus cônjuges, configurando um trabalho não remunerado, sendo assim além dessas mulheres participarem da esfera reprodutiva por meio dos afazeres domésticos e de cuidado tanto físico como afetivo, estão inseridas na esfera produtiva, desempenhando tarefas consideradas mais leves, a qual identificam como ajuda à figura masculina podendo ser esses os seus pais, irmãos ou cônjuges presente na unidade de produção.

Segundo Gil (2023), o trabalho reprodutivo ou de cuidado é a base da economia, e sem ele não seria possível desempenhar quaisquer outras funções, como o trabalho produtivo, tendo em vista que o trabalho reprodutivo é feito simplesmente para suprir as necessidades humanas universais. Em diálogo com essas mulheres é notável como elas conseguem transitar em diversas esferas, exemplo disso é como elas nomeiam as atividades realizadas durante o seu dia em “trabalho de dentro” e “trabalho de fora” da casa, devido a atender várias demandas dentro da propriedade conforme as mesmas vão surgindo durante o dia, vão sendo tecidas pouco a pouco, de acordo com as necessidades das pessoas, dos animais e das plantas.

Ainda, com base na atividade do valor monetário, quando tratado do preço a ser pago a alguém para realizar as tarefas domésticas e agropecuárias realizadas por elas, houve um movimento de surpresa. As mulheres constataram que sem a presença delas muitos lares e comunidades rurais enfrentam dificuldades para funcionar, visto que ao observar este valor na lousa, permitiu que elas verbalizassem valor perante a família, sendo possível observar reflexões sobre o valor do trabalho. Este é o “salário”, simbólico, do trabalho produtivo e reprodutivo desempenhado por estas mulheres participantes da pesquisa. Com os resultados de todos os grupos se pode chegar ao preço médio de R\$17.102,85 mensais (Quadro 2).

Quadro 2 – Atividades produtivas e reprodutivas realizadas pelas mulheres agricultoras e o respectivo valor atribuído

Grupo	Atividades	Valor total atribuído
1	Fazer chimarrão, fazer café, tratar os bichos, fazer silagem, buscar verdura, fazer requeijão, fazer queijo, fazer almoço, lavar louça, limpar a casa, lavar e estender roupas, carpir, cuidar dos familiares, cuidar da horta, tirar leite, coletar ovos, passar e dobrar roupa,	R\$ 11.930,00

	varrer o pátio, cuidar das flores, podar árvores, carnear animais, cortar grama, colher frutos, fazer compras (roupas, remédios, mercado), olhar a lavoura, fazer crochê, pagar as contas	
2	Tirar leite, costurar, limpar o quintal, fazer comida, arrumar cama, tratar a criação, limpar a casa, lavar roupa e passar, cuidar dos filhos e netos, coordenar, administrar, cuidar da horta e das flores, pagar as contas, comprar roupas.	R\$ 22.300,00
3	Fazer as compras da casa, tirar leite, cuidar da sogra e mãe, fazer comida, levar almoço, criar galinha e porco, cuidar da horta, cuidar dos filhos, lavar e passar, carpir, trabalhar fora da propriedade, arrancar mandioca, limpar casa e pátio, carregar caminhão, catar milho, cuidar das flores.	R\$ 21.800,00
4	Fazer as compras, fazer café e chimarrão, caminhada e academia, tirar leite, cuidar filhos e netos, limpar a casa, tratar os bichos, rastelar o pátio, arrumar a casa, fazer almoço, vender verduras, ir na roça, cuidar de aviários, administrar, lavar roupa e louça, fazer pão e queijo, cuidar da horta e das flores, pagar as contas, aguentar o marido.	R\$ 18.750,00
5	Trabalhar na horta, tirar leite, fazer queijo, tratar porco e galinha, limpar a casa, fazer comida, cuidar das crianças, catar ovos, lavar roupa, limpar chiqueiro, cortar pasto, fazer rancho, comprar roupa, pagar contas e cortar grama	R\$ 16.700,00
6	Arrumar a cama, tirar leite, preparar café, tratar animais, limpar casa, lavar roupa e passar, fazer pão, cuidar de flores e horta, bordar, costurar, fazer crochê, fazer comida, varrer pátio, coletar ovos, ir ao mercado, ir ao banco, comprar roupa, cuidar dos netos, cortar grama, carpir, tratar peixes, carnear frango e porco, fazer mate, lavar o carro, fazer feira, fazer cuca e bolacha, lascas lenha e fazer melado.	R\$ 16.640,00
7	Lavar roupa, limpar a casa, fazer comida, plantar rama, tirar leite, varrer pátio, bordar, fazer crochê, cuidar da horta, fazer queijo e requeijão, lavar roupa, fazer compra, tratar porco e peixe, coletar ovos, lavar calçado, passar roupa, cuidar os netos, fazer bolacha, ir ao banco, comprar roupa do marido, cuidar marido, fazer pão, descascar mandioca, fazer salame, fazer churrasco, matar porco.	R\$ 11.600,00

Fonte: Elaborado pela autora com base em pesquisa de campo (2023).

As participantes demonstraram entusiasmo com o resultado, chegando a fotografar o quadro que registrava as atividades e os preços citados por elas. Mesmo assim, destacaram que seria impossível recurso financeiro para custear todas aquelas despesas. Muitas delas registraram em foto o resultado, com o propósito de compartilhá-lo com seus maridos e familiares, com o objetivo de mostrar a eles o quanto são importantes para o funcionamento da propriedade e do lar. Um ambiente sem a presença de homens proporcionou um espaço de fala com maior sociabilidade, maior acolhimento, bem estar e fortalecimento do grupo, favorecendo a autoestima das mulheres, provocando maior engajamento, estabelecendo perspectiva de melhora e autonomia pessoal das envolvidas (Brandão; Borges; Bergamasco, 2021).

Analisando o Quadro 2, fica evidente que as atividades desenvolvidas em todos os grupos são semelhantes e que, as mulheres estão presentes em praticamente todas as atividades desenvolvidas na propriedade rural, incluindo o cuidado com os animais e os cultivos. Além disso, essas mulheres atuam de forma direta em atividades agropecuárias, seja realizando a gestão e condução, ou contribuindo com outros integrantes da família. Essa inserção destaca a importância da mulher rural para a segurança alimentar e para o fortalecimento econômico das comunidades rurais (Caminhas, 2020).

4.3 PERCEPÇÕES HISTÓRICAS SOBRE A MULHER NO MEIO RURAL E NA SOCIEDADE

Os resultados obtidos com a Dinâmica 3, em que as mulheres foram questionadas sobre “como era ser mulher no meio rural antigamente e qual a perspectiva futura para a mulher no meio rural”, estão demonstrados no Quadro 3.

Quadro 3 – Atividades das mulheres agricultoras há 60 anos no meio rural e na sociedade

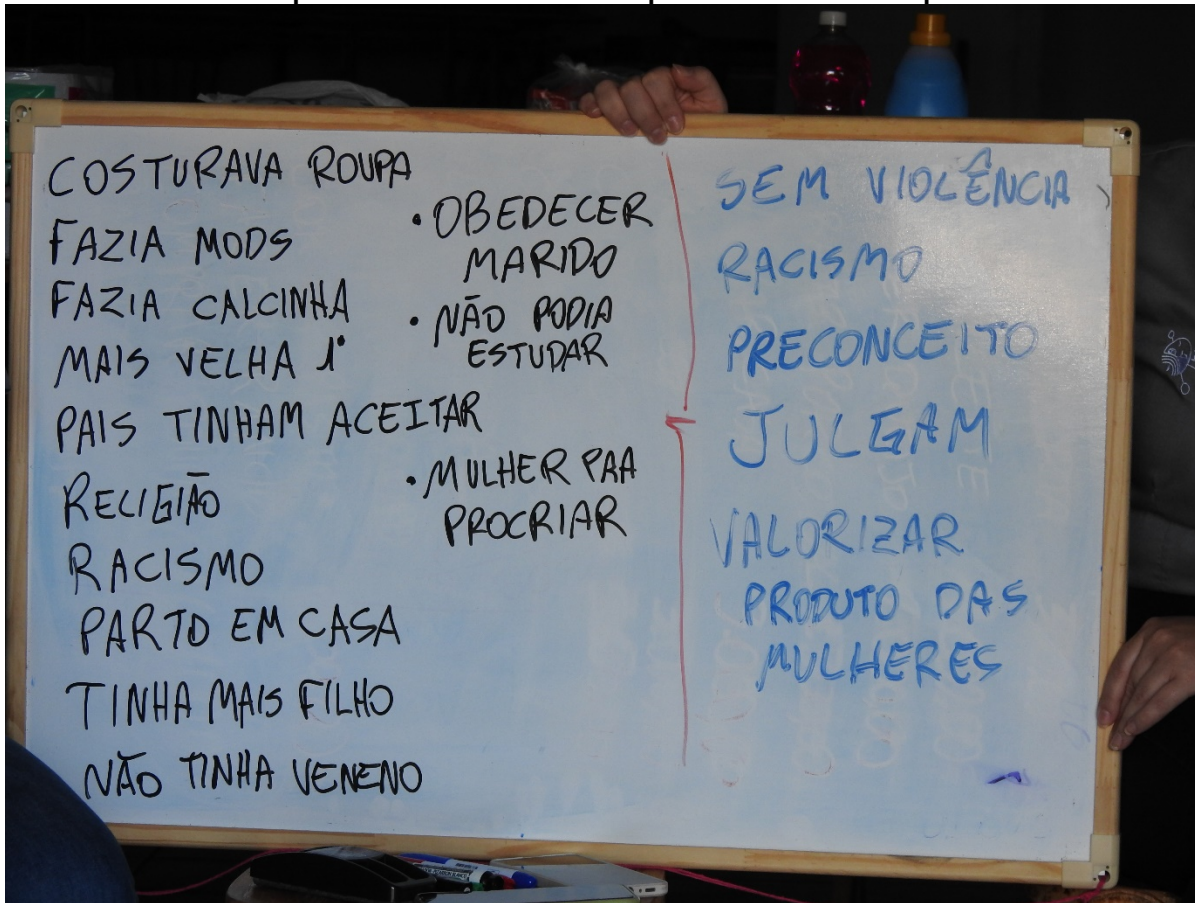
Grupo	Atividades
G1	<p>HÁ 60 anos: tudo manual, não tinha médico usavam parteiras, pegar água no poço, lavavam com boi, somente fogão a lenha, lavavam as roupas no rio, faziam sabão, ferro a brasa, namoro só segurava na mão, fraldas de pano, poucas roupas, não tinham dinheiro, dificuldade para estudar, ganhavam o enxoval, não tinham remédios só chás, casavam grávidas, mas diziam que os filhos eram prematuros, usavam dentaduras, mulheres faziam trabalho pesado também, os filhos acompanhavam na roça.</p> <p>Perspectiva para o futuro: serem mais atualizadas e incluídas no rural, máquinas fazem o serviço pesado, agricultora não colona, empoderamento feminino, maior diálogo familiar, independente, mulher como sócia de cooperativa e clube de mães.</p>
G2	<p>HÁ 60 anos: Casar cedo, ter mais filhos, não podia separar, casamento arranjado, ganhava enxoval (porca, vaca), discriminação, não tinha igualdade salarial, não era ouvida, produzia a própria comida, ia trabalhar na roça, lavar, costurava as próprias roupas, gostavam de namorar.</p> <p>Perspectiva para o futuro: menos discriminação, igualdade salarial, ser ouvida, acabar com penalização, ensinar filhos homens a respeitar mais as mulheres.</p>
G3	<p>HÁ 60 anos: parto em casa, trabalhavam na roça, tinham muitos filhos, bebida alcoólica na família, era mais rígido, apanhavam, saúde precária, não tinha palavra, dificuldade em comprar por isso faziam as próprias roupas.</p> <p>Perspectiva para o futuro: mais independente, acabar com o preconceito e discriminação, ter alojamento para mulheres em eventos do agro, ofertar mais cursos que mulheres também possam participar.</p>
G4	<p>HÁ 60 anos: tinha mais trabalho, muitos filhos, sem voz nem direitos, eram submissas, não tinham recursos como eletrodomésticos, sem segurança sanitária, eram mais saudáveis produtos caseiros, eram desvalorizadas, faziam seu próprio enxoval, mais interação social, usavam fraldas de pano.</p> <p>Perspectiva para o futuro: mais espaço e direitos, mais recursos para trabalhar, mais alimentos comprados, mais corrido, cada vez mais eletrônicos, muita informação</p>

	disponível, mais incentivo para as mulheres, melhor visibilidade como agricultora, mais acessibilidade às informações.
G5	HÁ 60 anos: fazia absorvente e calcinha, a filha mais velha se casava primeiro, os pais tinham que aceitar o parceiro, tinha que obedecer ao marido, não podiam estudar, a finalidade da mulher era procriar, racismo, parto em casa, tinham mais filhos e não utilizavam agrotóxicos. Perspectiva para o futuro: sem violência e racismo, menos julgamento, valorizar mais os produtos fabricados pelas mulheres.
G6	HÁ 60 anos: não tinha ferramentas mecanizadas, não tinha liberdade, estavam sempre grávidas, costurava as próprias roupas, usavam paninho quando menstruavam, casavam-se virgem, casamento era arranjado, a comida era melhor, eram discriminadas, faziam a vontade do homem, enfaixaram a barriga para não aparecer a gestação, era obrigada a ficar casada. Perspectiva para o futuro: mais estudo para as mulheres, e menos julgamento.
G7	HÁ 60 anos: usavam paninho quando estavam menstruadas, costurava calcinha, trabalhavam desde criança, não tinha calçado, não tinha documentos, não podia estudar pois “moça que estudava era biscate”, podia estudar só depois de casar, só depois dos 30 anos usou o primeiro shorts, camisa sempre de manga, era expulsa da comunidade, lavava roupa no rio, ia na roça, trabalho era manual, apanhou por usar esmalte, não podia cortar cabelo, cuidava de criança, tinham mais filhos, não podiam sair, costurava a noite com lamparina, ganhava bebê em casa., Perspectiva para o futuro: <i>neste grupo, a atividade se encerrou antecipadamente e pela falta de tempo não se obteve essa resposta.</i>

Fonte: Elaborado pela autora com base em pesquisa de campo (2023).

Nos relatos, pode-se notar que a trajetória das mulheres perpassa pela pressão social formada sobre elas desde crianças, atribuindo a elas uma pesada carga física, mental e contínua, formando expressões mais cruéis do patriarcalismo e da cultura sexista, a qual dissipa os limites entre a vida doméstica e o trabalho (Figura 6). Algumas, com idade mais avançada, relataram experiências próprias e outras contaram a experiência vivida por suas ancestrais (mães e avós). Vivências traumáticas trazidas à tona permitiram a construção coletiva de transformações.

Figura 6 – Algumas das respostas das participantes para as perguntas: “Como foi, como é, e como podemos melhorar o futuro para a mulher do campo?”



Fonte: Registro da autora durante pesquisa de campo (2023).

As mulheres enfatizaram a rigidez dos papéis de gênero na sociedade da época, que as direcionava principalmente para o cuidado dos filhos e maridos, bem como para as responsabilidades domésticas (Soares, 2021). Muitas delas também realizavam trabalho no campo juntamente aos maridos durante as manhãs e tardes, e à noite ainda tinham tarefas domésticas a cumprir. Durante a discussão, muitas participantes compartilharam depoimentos sobre a exaustão que sentiam. Dias trabalhando na lavoura e, à noite, ainda precisava cumprir suas tarefas domésticas e costurar, tudo isso em um ambiente sem acesso à eletricidade.

Importante destacar que as mulheres não recebiam remuneração por nenhuma dessas atividades e, elas ressaltaram também que, enfrentavam restrições na busca por oportunidades de educação e emprego, sendo o casamento, frequentemente

arranjado pelos pais, muitas vezes visto como o único destino disponível para elas. Várias participantes da pesquisa relataram que para poder estudar precisaram casar-se, pois na casa dos pais a única alternativa era ajudar nas atividades da propriedade.

Alguns relatos mostram que a divisão da herança também não era igualitária, e que no passado, primeiro a família casava a filha mais velha, seguindo uma ordem cronológica, e se acaso a filha mais nova se casasse primeiro, a filha mais velha não era bem-vista perante a sociedade. Isso era visto como um problema aos olhos da comunidade, pois o principal papel dado a elas era o de ser esposa e cuidadora. Quando, finalmente, encontravam um marido ganhavam dos pais como herança, o dote, que se configurava em vaca, ou porca ou uma máquina de costura, diferente dos filhos homens, que recebiam um pedaço de terra. Isso evidencia como, anos atrás, em todos os aspectos, a mulher era atrelada à figura masculina, por exemplo, ela só receberia o dote caso se casasse. Nesse sentido podemos visualizar como o papel da mulher era de submissão à figura masculina e praticamente não tinha poder de escolha. Segundo Furtado (2019), a predominância do poder masculino em diversas esferas, em conjunto com o modelo patriarcal colonial, repercutiu na composição familiar rural, tanto no âmbito afetivo como de trabalho.

O autor aponta, ainda, que o fato de os jovens rurais saírem da casa dos pais reverbera uma descontinuidade no quesito dependência econômica e subordinação a família, ao passo que, em uma matriz familiar patriarcal, a mulher não tem poder de fala o que as leva a subordinação à figura masculina, ademais a centralidade do poder paterno limita a autonomia dos filhos em diversos quesitos decisórios (Furtado, 2019). Isso pode ser notado nos relatos das respondentes, a qual não tinham poder de escolha nem da própria vestimenta e cuidados pessoais.

À medida que, a única alternativa oferecida a elas era o casamento, muitas saíam da casa dos pais, e acabavam entrando em um relacionamento onde continuavam sendo submissas. Em diálogo com uma entrevistada, a mesma relatou que, em um determinado momento decidiu por cortar o cabelo e ao chegar em casa sofreu violência física de seu marido por conta disso. A violência contra mulheres e a impunidade, como legítima defesa da honra masculina, consiste em outra indicação de relações patriarcais. (Aguiar, 2000).

Além disso, enfatizaram que na sociedade rural antigamente, o uso de brincos, colares, esmalte nas unhas e outros cuidados pessoais não eram socialmente aceitos. Estes relatos repetiram-se em diferentes grupos, como os de opressão psicológica, de que “mulher não usa perfume”, “unha pintada de vermelho não é coisa de mulher de respeito”, “mulher tem que se cobrir”, ilustram a estigmatização do autocuidado. Muitas delas também eram impedidas de utilizar calçados com salto alto. De acordo com as mulheres, devido a raridade no uso do salto alto, quando tinham a oportunidade de utilizá-los, enfrentavam dificuldade em mantê-los por longos períodos, devido ao desconforto e à dor ocasionados pela falta de familiaridade com esse tipo de calçado. Ainda que muitos avanços tenham sido conquistados sobre as questões de gênero, ainda é observado na sociedade brasileira reproduções de comportamentos patriarcalistas, reflexo disso pode ser visto em mulheres rurais, em que são tolhidas da liberdade de decidirem sobre as suas próprias vidas (Amorim, 2015).

Segundo Furtado (2019), as vivências e conflitos enfrentados pelas mulheres, acabam sendo refletidos em seu corpo, expressos por sentimento de tristeza e angústia, as mulheres inseridas em ambientes com características/vivências de opressão psicológica, são mais vulneráveis. Segundo o autor, situações de dependência conjugal desgastadas, dependência financeira, as colocam em situação de submissão e aumentam as chances de violência doméstica. Nesse sentido a naturalização da desigualdade de gênero arraigada a violência contra a mulher, dá maior poder ao homem nas relações, culminando em maior opressão e submissão da mulher, sendo que ao se tratar de mulheres rurais essa situação é mais grave, devido ao isolamento geográfico e a distância de grandes centros, o que dificulta o acesso a recursos sociais que promovem maior proteção a essas mulheres (Costa, 2017).

A dificuldade e desconhecimento dos métodos contraceptivos, pelas gerações passadas, foi outro fato que surgiu em todos os grupos. Uma participante, contando sobre a história de sua avó, disse que era parteira e portanto, muitas vezes, precisava pernoitar fora de casa. E, por isso, o marido (avô da participante), alegava que ela precisava estar grávida, para assim ele ter a certeza de que durante esses pernoites ela não daria a ele um filho bastardo. Esta mulher passou grande parte da vida grávida, tendo 11 filhos. Além da dificuldade em prevenir gravidezes, as mulheres não possuíam

voz ativa dentro de seus núcleos familiares e, muitas vezes, oprimidas pelos maridos, tinham muitos filhos inclusive para aumentar a mão de obra para a unidade de produção. A violência contra a mulher ainda é uma realidade, e em contextos rurais devido ao isolamento geográfico e falta de acesso intensifica a falta de dados concretos para essas regiões, ocasionando maior vulnerabilidade para mulheres rurais (Bueno, 2018, Ferreira, 2021).

Depois de uma análise sobre o passado das mulheres, a pergunta seguinte sobre como elas visualizam a sociedade para as mulheres no futuro inspirou respostas cheias de esperança. As participantes expressaram seu desejo por uma ampla liberdade de escolha, a facilitar o acesso à educação e ao mercado de trabalho, e a conquista da autonomia financeira pelas mulheres. Quando uma mulher alcança a independência financeira, seu papel na sociedade se amplia consideravelmente, estendendo-se para além das responsabilidades tradicionais de esposa, mãe e dona de casa, permitindo-lhe explorar novas esferas. A independência financeira, além disso, proporciona às mulheres uma notável autonomia e liberdade para evitar relacionamentos abusivos que possam surgir em virtude de uma dependência financeira em relação a um homem (Secco; Lucas, 2015).

4.4 PERSPECTIVAS FUTURAS PARA A MULHER NO MEIO RURAL E NA SOCIEDADE

Quando questionadas sobre as perspectivas futuras para a mulher no meio rural e na sociedade, 41% das mulheres não souberam ou não quiseram responder a esta pergunta. Isso traz à luz a importância do método utilizado nessa pesquisa, por meio da coprodução de conhecimento, é possível a troca de experiências e vivências dessas mulheres em comunidade, para que a partir disso possam ser formadoras de opinião, ter senso crítico sobre essa temática tão importante, pela busca de maior equidade e garantia de diversidade em todos os espaços.

Pellegrini (2023), aponta que mulheres socializadas em espaços privados, contidas nos cuidados domésticos, da família e agropecuários possuem maior dificuldades na participação em encontros públicos em geral. A autora relata a

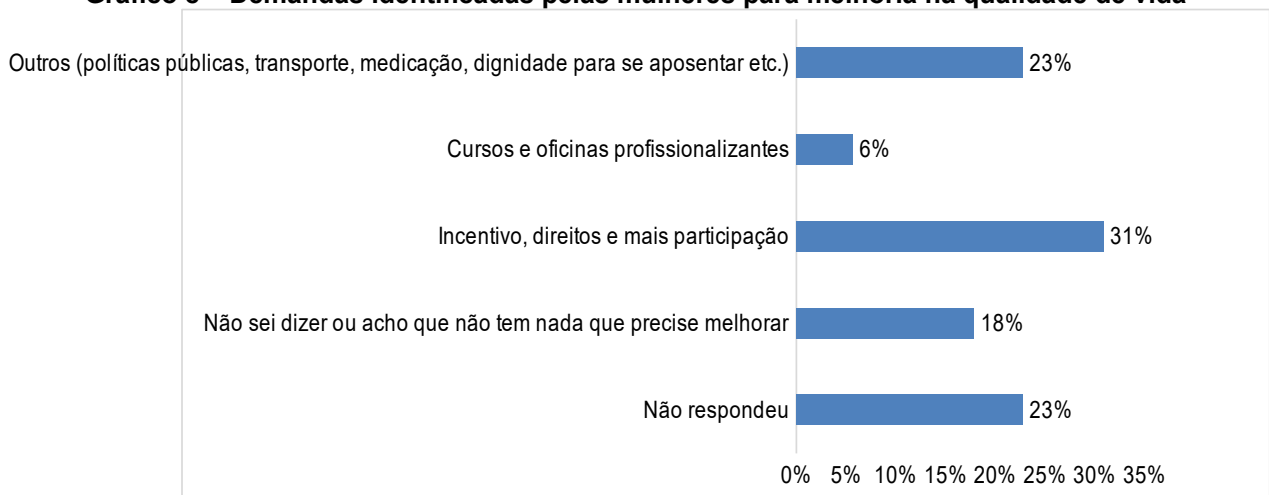
importância dos espaços de trocas de conhecimentos e saberes, e que isso proporciona às mulheres maior engajamento sobre assuntos relacionados ao feminismo, impulsionando mulheres a “ter voz” e serem reconhecidas.

Durante todo o andamento da pesquisa, era visto como as participantes se identificavam com os relatos de outras mulheres, o fato de poder ouvir como cada uma perpassou por esses caminhos auxilia em uma percepção de que a luta pelo direito das mulheres é sim coletiva, mas muitas vezes, por essas mulheres estarem com condições de difícil acesso à informação e de distâncias físicas, não ter com quem dialogar sobre o assunto, pouco ou nenhum acesso à informação, acabam sentindo-se mais oprimidas e por muitas vezes entrando em um estado de comodismo, aceitando a situação vivida.

O estudo realizado por Costa (2017), evidenciou que a falta de informações ainda é uma condição enfrentada por muitas mulheres no campo, e pode ser explicada pela falta ou dificuldade no acesso aos meios de comunicação, políticas públicas, e programas que possibilitem o desenvolvimento e autonomia das mulheres rurais.

Em contraponto, 59% das participantes responderam ao questionamento, destas 31% enfatizam que, para alcançar um futuro mais justo, é necessário maior incentivo às mulheres rurais, para que possam participar de cursos, dias de campo, palestras com finalidade de garantir maior acesso à informação e empoderamento para a mulher no campo (Gráfico 8).

Gráfico 8 – Demandas identificadas pelas mulheres para melhoria na qualidade de vida



Fonte: Elaborado pela autora com base em pesquisa de campo (2023)

A busca por mais direitos é outro assunto levantado por elas. Em relato uma participante disse: “Nós queremos ser reconhecidas como ‘agricultoras’, e não ‘do lar’ ou ‘mulher de agricultor’, por que em algumas ocasiões não reconhecem a gente como ‘agricultora’, aí depois se a gente cai na bobeira de aceitar que coloquem em qualquer documento que somos ‘do lar’, não conseguimos se aposentar”. Ao decorrer da discussão várias outras mulheres relataram situações similares. Para a aposentadoria por idade rural, é preciso que se comprove estar na atividade um período mínimo de 15 anos Lei 8.213/1991, 39, I (Brasil). Segundo Souza (2014), historicamente é evidenciado o desfavorecimento ao que diz respeito ao acesso à previdência social no meio rural se comparado com o urbano, sendo que como agravante não possui um tratamento equitativo entre homens e mulheres. A autora aponta, ainda, que as trabalhadoras do meio rural, enfrentavam muitas restrições ao direito a aposentadoria, ao passo que se tornavam esposas perdiam o direito de se aposentar, não tendo a apreciação do gênero na aplicação da lei, gerando uma reprodução da desigualdade de gênero na esfera legislativa, sendo que essa situação perdurou até o ano de 1988, no qual teve a mudança da legislação.

Nesse sentido ao passo que a inclusão dos trabalhadores rurais a previdência social foi tardia, mais tardia ainda foi a inclusão das mulheres a essa parcela, pois para que pudessem ser beneficiárias da previdência social, deviam ser reconhecidas como trabalhadoras rurais, isso era dificultado pois o trabalho desempenhado por essas mulheres, era considerado “ajuda” aos seus cônjuges, sendo invisibilizado (Brumer, 2002; Da Costa Santos *et al.*, 2023). A autora aponta que documentos que permitissem a comprovação da terra, notas de vendas da produção rural eram exigidos para que pudessem se aposentar.

Tendo em vista que para a legislação o reconhecimento da mulher rural, como trabalhadora rural, é vinculado a documentações comprobatórias como citada pela autora anteriormente a preocupação em relação ao seu reconhecimento como trabalhadora rural e não somente como “do lar” é legitimada conforme às afirmações anteriormente explicadas. Outrora quando essa documentação se encontra apenas no nome do seu marido, são prejudicadas ao requerer a concessão da

aposentadoria (Da Costa Santos *et al.*, 2023). De modo que, com isso fica evidente um avanço significativo sobre os conhecimentos acerca de seus direitos.

Outro aspecto importante ocorrido durante as dinâmicas é que, ao passo que o diálogo entre as participantes ia ocorrendo, pode ser notada a resposta positiva ou negativa dentre as participantes, sobre determinadas temáticas levantadas, ou seja, isso corrobora que várias reflexões puderam ser feitas por meio das dinâmicas realizadas, e que cada participante pôde ter seu espaço para concordar ou não com as informações que eram apresentadas por suas colegas. Ademais relataram que nunca haviam participado de alguma dinâmica onde elas pudessem falar, ou seja, serem ouvidas. Isso corrobora a importância dessa transversalidade por meio de metodologias ativas como a utilizada nesta pesquisa para inserir mulheres aparentemente invisíveis, mas que sem elas o mundo não funcionaria. Nesse sentido Bueno (2018), afirma sobre a importância de redes de apoio social, e a importância sobre as mulheres adquirirem a percepção acerca do contexto de vida e relações sociais em que estão inseridas, isso permite a construção de estratégias de enfrentamento, culminando em maior proteção das mulheres rurais.

Em ocasião durante os diálogos, uma participante idosa relatou achar que como estava antigamente era melhor para as mulheres, nesse momento as suas colegas trataram de chamar a atenção dela, lembrando fatos em que as mulheres eram oprimidas no passado: “a gente nem podia sair de casa para trabalhar”. Então esse processo de incentivar as mulheres a mudar de concepção passa pela interação entre elas, sendo não somente um processo individual delas, mas de interação, o que comprova que a construção de conhecimento é um processo que envolve a interação e trocas. Nesse sentido Brandão (2021) afirma que mulheres inseridas em ambientes de associativismo, tendem a ter maior censo crítico e democrático, fazendo com essas sejam protagonistas, proporcionando maior inclusão social e produtiva dessas mulheres.

Das respostas obtidas por meio do questionário aplicado, referente a questão 13 (Apêndice A): Gostaríamos de saber o que você acha que é preciso para melhorar o meio rural para as mulheres? Construiu-se a nuvem de palavras abaixo (Figura 7). A segunda palavra mais citada, ficando apenas atrás da palavra “Mulher”, está a palavra

eu fiz ligeiro porque eu queria ir visitar a minha mãe, ai disse pro meu marido pra ele me levar lá de moto, e ai ele disse que a moto dele ia pra cidade! Nossa eu fiquei tão mal, ele foi e eu não pude ir na minha mãe. Mas sabe o que, eu pensei: vou fazer carteira de motorista, aí eu vou poder ir onde eu quiser! Aí me matriculei e fiz, só que não contei pra ninguém lá em casa, só falei no dia anterior ao meu teste final no Detran. Tanto o meu marido quanto o meu filho riram de mim, como se eu não tivesse a capacidade ou estivesse mentindo. No outro dia eu fui fiz o teste e passei. Hoje tenho o meu carro. E não fico mais em casa fazendo pão, agora eu digo pra eles: "Meu carro vai em tal lugar".

Os resultados obtidos destacam que, para valorizar e reconhecer adequadamente o trabalho desempenhado pelas mulheres rurais, é essencial promover a conscientização sobre a relevância de suas atividades. A percepção acerca do questionamento sobre a sua condição social, permite que façam escolhas, a exemplo de não reproduzir no círculo familiar estereótipos de gênero (Pellegrini,2023).

Quando as mulheres reconhecem plenamente o valor e a importância de seu trabalho, elas estão mais propensas a defender seus direitos e a demandar igualdade de oportunidades. A autonomia das mulheres rurais pode ser alcançada por meio do acesso à educação e a oportunidades no mercado de trabalho. Ao permitir esses acessos, será possível contribuir para a construção de uma sociedade mais igualitária em termos de gênero. A formação da identidade de trabalhadora é um instrumento que permite conquistas em espaços públicos por essas mulheres, o fato da possibilidade de independência do marido, por meio do reconhecimento de seu trabalho e remuneração do mesmo, possibilita a conquista de espaços de liberdade para fazer escolhas, expor opiniões e traçar metas, ou seja, reconstruindo identidades (Amorim, 2015).

5 CONCLUSÃO

Concluimos que metodologias de coprodução de conhecimento, em que as mulheres são atuantes na construção do conhecimento, são muito efetivas no alcance de resultados de autonomia das mulheres, tendo em vista que, por meio do diálogo entre as mesmas, são capazes de chegar a uma conclusão sozinhas.

A aplicação de pesquisa-ação como está proporciona às mulheres rurais um espaço para uma profunda reflexão sobre os desafios enfrentados por elas na sociedade rural, desenvolvendo seu pensamento crítico e autoanálise. Neste caso, as mulheres compreenderam o valor e a significância de suas contribuições dentro e fora da propriedade, e se tornaram mais inclinadas a defender seus direitos e a buscar igualdade de oportunidades. Sobremaneira, se observou o fortalecimento de laços entre as mulheres dos grupos.

As mulheres assumem responsabilidades fundamentais na garantia do bem-estar das famílias, no fortalecimento das bases econômicas locais e na preservação dos conhecimentos ligados às práticas agropecuárias tradicionais e modernas. Embora frequentemente seu trabalho seja desvalorizado e não remunerado, ele constitui parte fundamental.

Em contraste com a sociedade vigente há seis décadas, foram identificadas transformações substanciais em relação ao tratamento das mulheres e à sua posição social. Em termos gerais, houve uma ampliação da autonomia feminina e um aumento na expressão de suas vozes. Para as gerações vindouras almejam um acesso aprimorado à educação e à independência econômica, com o propósito de efetivar a igualdade de oportunidades entre os gêneros.

Houve fortalecimento do espírito de coletividade. Quando se unem, não apenas superam desafios, mas também alcançam seus objetivos comuns de forma mais eficaz e assertiva. A autonomia da mulher rural não apenas visa alcançar a igualdade, mas também se revela como um fator determinante para promover o fortalecimento das comunidades rurais e a promoção do desenvolvimento sustentável.

Mulheres conscientes de seu valor são mais propensas a defender seus direitos e ocupar posições que anteriormente eram de difícil acesso. Assim, ao valorizar o

trabalho da mulher produtora rural, estamos, inquestionavelmente, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Neuma. Patriarcado, sociedade e patrimonialismo. **Sociedade e estado**, v. 15, p. 303-330, 2000. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922000000200006>
- ALVES, Ana Elizabeth Santos. Divisão sexual do trabalho: a separação da produção do espaço reprodutivo da família. **Trabalho, educação e saúde**, v. 11, p. 271-289, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1981-77462013000200002>
- AMORIM, Érika Oliveira; FIÚZA, AL de C.; PINTO, MN de A. Mulher e trabalho no meio rural: como alcançar o empoderamento. *Caderno Espaço Feminino*, v. 28, n. 1, p. 195-213, 2015.
- BARCELLOS, Victor Gomes et al. Coprodução, conhecimento e o comum. 2020. Disponível em: <http://ridi.ibict.br/handle/123456789/1051> Acesso em: 27/11/2023.
- BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Editora Garamond, 2006.
- BRANDÃO, Tatiana Frey Biehl; BORGES, Janice Rodrigues Placeres; BERGAMASCO, Sonia Maria Pessôas Pereira. Perspectivas sobre Autonomia e Empoderamento das Mulheres Rurais Sertanejas: Um estudo de caso. **Diversitas Journal**, v. 6, n. 2, p. 2762-2790, 2021. DOI: <https://doi.org/10.17648/diversitas-journal-v6i2-1770>
- BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina.
- BUENO, ANDRÉ LUIS; LOPES, MARTA JULIA. Mulheres rurais e violências: leituras de uma realidade que flerta com a ficção. *Ambiente & Sociedade*, v. 21, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/1809-4422asoc170151r1vu18L1AO>
- CAMINHAS, Ana Margarida Theodoro. A importância das mulheres agricultoras no fortalecimento da segurança alimentar em um assentamento rural de Córrego Rico, estado de São Paulo. 2020. DOI: <https://doi.org/10.18764/2446-6549.e202013>
- CIELO, Ivanete Daga; WENNINGKAMP, Keila Raquel; SCHMIDT, Carla Maria. A participação feminina no agronegócio: o caso da Coopavel—Cooperativa Agroindustrial de Cascavel. **Revista Capital Científico-Eletrônica (RCCe)-ISSN 2177-4153**, v. 12, n. 1, p. 59-77, 2014. Disponível em: <https://revistas.unicentro.br/index.php/capitalcientifico/article/view/2301/99>
- COSSI, Rafael Kalaf. Stoller e a psicanálise: Da identidade de gênero ao semblante lacaniano. **Estudos de Psicanálise**, n. 49, p. 31-43, 2018.
- COSTA, Marta Cocco da et al. Mulheres rurais e situações de violência: fatores que limitam o acesso e a acessibilidade à rede de atenção à saúde. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, v. 38, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2017.02.59553>

BRUMER, Anita. Previdência social rural e gênero. **Sociologias**, p. 50-81, 2002. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1517-45222002000100003>

BRASIL. Constituição Federal de 1991. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1991/lei-8213-24-julho-1991-363650-normaatualizada-pl.pdf> . Acesso em: 27/11/2023.

DE SOUZA, Maira Ribeiro; DE LORETO, Maria das Dores Saraiva; DE FÁTIMA EUFRÁSIO, Luciana. As dimensões do cuidado no âmbito da economia feminista: Um olhar sobre o trabalho das mulheres rurais no contexto da agricultura familiar. **Emancipação**, v. 23, p. 1-19, 2023.

DA COSTA SANTOS, Rosa Maria Dias; DE ARAGÃO, Patrícia Cristina. OS REFLEXOS DAS RELAÇÕES DE GÊNERO E PODER NO DIREITO DE ACESSO À TERRA DAS MULHERES RURAIS. **REVISTA FOCO**, v. 16, n. 6, p 1-14, 2023. DOI: 10.54751/revistafoco.v16n6-006

DIAS, Gleicy Zaions Gonçalves. A ALTERAÇÃO DE GÊNERO E SEUS REFLEXOS PARA CONCESSÃO DE BENEFÍCIO PREVIDENCIÁRIO NO SISTEMA RGPS (REGIME GERAL DE PREVIDÊNCIA SOCIAL). **Revista Aporia Jurídica-ISSN 2358-5056**, v. 1, n. 19, p. 30-44, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/RjHdp4QzNsZbPT6MqnsGDDt/?format=pdf&lang=pt>

DUARTE, Newton. Formação do indivíduo, consciência e alienação: o ser humano na psicologia de AN Leontiev. **Cadernos Cedes**, v. 24, p. 44-63, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-32622004000100004>

FELDMANN, Neuri Antonio et al. AGRONEGÓCIO E GÊNERO: A CATEGORIA FEMININA NA OPERACIONALIZAÇÃO DAS PROPRIEDADES RURAIS. **Revista Inovação: Gestão e Tecnologia no Agronegócio**, v. 2, p. 117-143, 2023.

MANCANO FERNANDES, Bernardo et al. Lutas camponesas contemporâneas Condições, dilemas e conquistas. **Coleção História Social do Campesinato no Brasil**, 2009.

FERREIRA, Ariany da Silva. **Lamparina: solução para auxiliar mulheres rurais em situação de violência**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso. Brasil. Disponível em: <https://repository.ufrpe.br/handle/123456789/4021> Acesso em: 27/11/2023.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?**. Editora Paz e Terra, 2014.

GIL, Bela. **Quem vai fazer essa comida?: Mulheres, trabalho doméstico e alimentação saudável**. Editora Elefante, 2023.

GUIMARÃES, Nadya Araujo. Casa e mercado, amor e trabalho, natureza e profissão: controvérsias sobre o processo de mercantilização do trabalho de cuidado. **cadernos pagu**, p. 59-77, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/18094449201600460059>

HERNÁNDEZ SAMPIERI, R. et al. Metodologia de pesquisa. Porto Alegre: Penso, 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo Agropecuário 2017**. Rio de Janeiro: IBGE, 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo Agropecuário 2006**. Rio de Janeiro: IBGE, 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE); DIRETORIA DE PESQUISAS. Indicadores sociodemográficos e de saúde no Brasil. 2009. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=283097> Acesso em: 27/11/2023.

GOLSORKHI, Damon et al. (Ed.). **Cambridge handbook of strategy as practice**. Cambridge University Press, 2010.

LITRE, Gabriela et al. Mitos sobre mulheres na pecuária do cone sul: quais mulheres? Qual(is) pecuária(S). **Anais do X Encontro Nacional da Anppas**: Brasil.. 2022.

MATTE, Alessandra et al. Co-production of knowledge among rural women: paths to female recognition in rural areas. **Sustainability in Debate**, v. 12, n. 2, p. 254-283, 2021. DOI:<https://doi.org/10.18472/SustDeb.v12n2.2021.37700>

MONTEIRO, Rodrigo Padrini; DE ARAÚJO, José Newton Garcia; MOREIRA, Maria Ignez Costa. Você, dona de casa: trabalho, saúde e subjetividade no espaço doméstico. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 13, n. 4, p. 1-14, 2018.

DE MORAES, Lorena Lima; DA SILVA NASCIMENTO, Nathália Marques. Mulheres rurais nordestinas e desviantes: um estudo sobre a quebra das expectativas de gênero no meio rural. **Amazônica-Revista de Antropologia**, v. 12, n. 2, p. 725-747, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.18542/amazonica.v12i2.8310>

PELLEGRINI, Eliane; HERRERA, Karolyna Marin; VITORINO, Elizete Vieira. Princípios para o desenvolvimento da competência em informação de mulheres rurais sob a perspectiva do empoderamento. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 28, p. 1-31, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-5344/41086>

PAULILO, Maria Ignez S. FAO, fome e mulheres rurais. **Dados**, v. 56, p. 285-310, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0011-52582013000200002>

PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2022.

SERIGATI, Felipe Cauê; SEVERO, Kellen; POSSAMAI, Roberta. A inserção das mulheres no agronegócio. **AgroANALYSIS**, v. 38, n. 4, p. 16-19, 2018.

SOUZA, Edinéia Lopes da Cruz. Rural social security according to a gender perspective: an analysis for the regions of Brazil. 2014. 130 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento regional e do Agronegócio) - Universidade Estadual do Oeste do

Parana, Toledo, p.1-130, 2014. Disponível em:
<https://tede.unioeste.br/handle/tede/2181>

SCOTT, Joan Wallach; LOURO, Guacira Lopes; SILVA, Tomaz Tadeu da. Gênero: uma categoria útil de análise histórica de Joan Scott. **Educação & realidade. Porto Alegre. Vol. 20, n. 2 (jul./dez. 1995), p. 71-99**, 1995.

SCHWENDLER, Sônia Fátima. A divisão sexual do trabalho no campo sob a perspectiva da juventude camponesa. **Revista Estudos Feministas**, v. 28, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2020v28n158051>

SECCO, Marivete Leonor; LUCAS, Michele Gaboardi. A vida amorosa de mulheres financeiramente independentes. **Pensando famílias**, v. 19, n. 1, p. 61-76, 2015.

SOARES, Ana Luísa Silva et al. O papel da mulher ao longo da história: influências no conceito de família bem como nas relações de parentesco. 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/31909> Acesso em: 27/11/2023

SPECHT, Analise Almeida. Autonomia crítica das mulheres rurais: a casa pode cair, elas querem voar. 2019. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/37003> Acesso em: 27/11/2023

STOLLER, Robert J. **Sex and gender: The development of masculinity and femininity**. Routledge, 1998.

YANNOULAS, Silvia Cristina. **Dossiê: políticas públicas e relações de gênero no mercado de trabalho**. Centro Feminista de Estudos e Assessoria; Fundo para Igualdade de Gênero/Agência Canadense para o Desenvolvimento Internacional, p. 1-93, 2002.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO

Universidade Tecnológica Federal do Paraná Campus Santa Helena

Acadêmica de Agronomia: Aline Bidin¹

Profª Responsável: Alessandra Matte

Comunidade:

Nome: _____

1. Qual sua idade: _____

2. Você considera que reside:

() Rural () Urbano () Ambos

3. A quanto tempo reside nesse local: _____

4. Qual sua situação no momento:

- () Solteira
() Casada
() Divorciada
() Viúva
() União estável

5. Você tem filhos:

- () Sim
() Não

Quantos filhos? _____

Eles residem com você? _____

6. Quantas residências têm na propriedade: _____

7. Com quem você reside?

8. Quais as atividades geram renda monetária para a família?

- () Agropecuária
() Não agropecuária (outros trabalhos, trabalhar fora, artesanato, outro)
() Agroindústria familiar
() Aposentadoria
() Bolsa família ou similar
() Outros:

9. Em quais atividades produtivas você participa: _____

10. Considerando um dia usual de semana, quantas horas em média você dedica em cada uma das atividades a seguir (marque um X):

¹ Contato: (45) 98840-1487

	Não se aplica	Menos de 1h por dia	Pelo menos por 2h/dia	Pelo menos por 4h/dia	Pelo menos por 8h/dia	Praticamente o dia todo
Realizar tarefas domésticas (incluindo preparo de refeições, cuidar de filhos e/ou parentes)						
Atividades agropecuárias						
Atividades não agropecuárias (outros trabalhos)						
Fazer exercício físico ou praticar esporte						
Tempo que dedica a você						
Outros						

11. Gostaríamos de saber o que você acha que é preciso para melhorar o meio rural para as mulheres?

12. Você pretende permanecer no meio rural nos próximos anos? () Sim () Não

13. Gostaríamos de saber o que você achou da atividade.

APÊNDICE B – REGISTROS DOS GRUPOS DE MÃES INTEGRANTES DA PESQUISA AÇÃO

Figura 1 –Comunidade Santa Helena Velha, clube de mães Folha verde



Fonte: Registro da autora durante pesquisa de campo (2023).

Figura 2– Comunidade São Miguelzinho, cube de mães Unidas Venceremos



Fonte: Registro da autora durante pesquisa de campo (2023).

Figura 3– Comunidade Linha Nova São Clemente, clube de mães Camponesas



Fonte: Registro da autora durante pesquisa de campo (2023).

Figura 4– Comunidade Moreninha, clube de mães Nazaré



Fonte: Registro da autora durante pesquisa de campo (2023).

Figura 5– Comunidade Linha União, clube de mães Santa Gema



Fonte: Registro da autora durante pesquisa de campo (2023).

Figura 6– Comunidade Esquina Céu Azul, clube de mães Nasce uma Flor



Fonte: Registro da autora durante pesquisa de campo (2023).

Figura 7 – Comunidade São Clemente, clube de mães AMASC



Fonte: Registro da autora durante pesquisa de campo (2023).